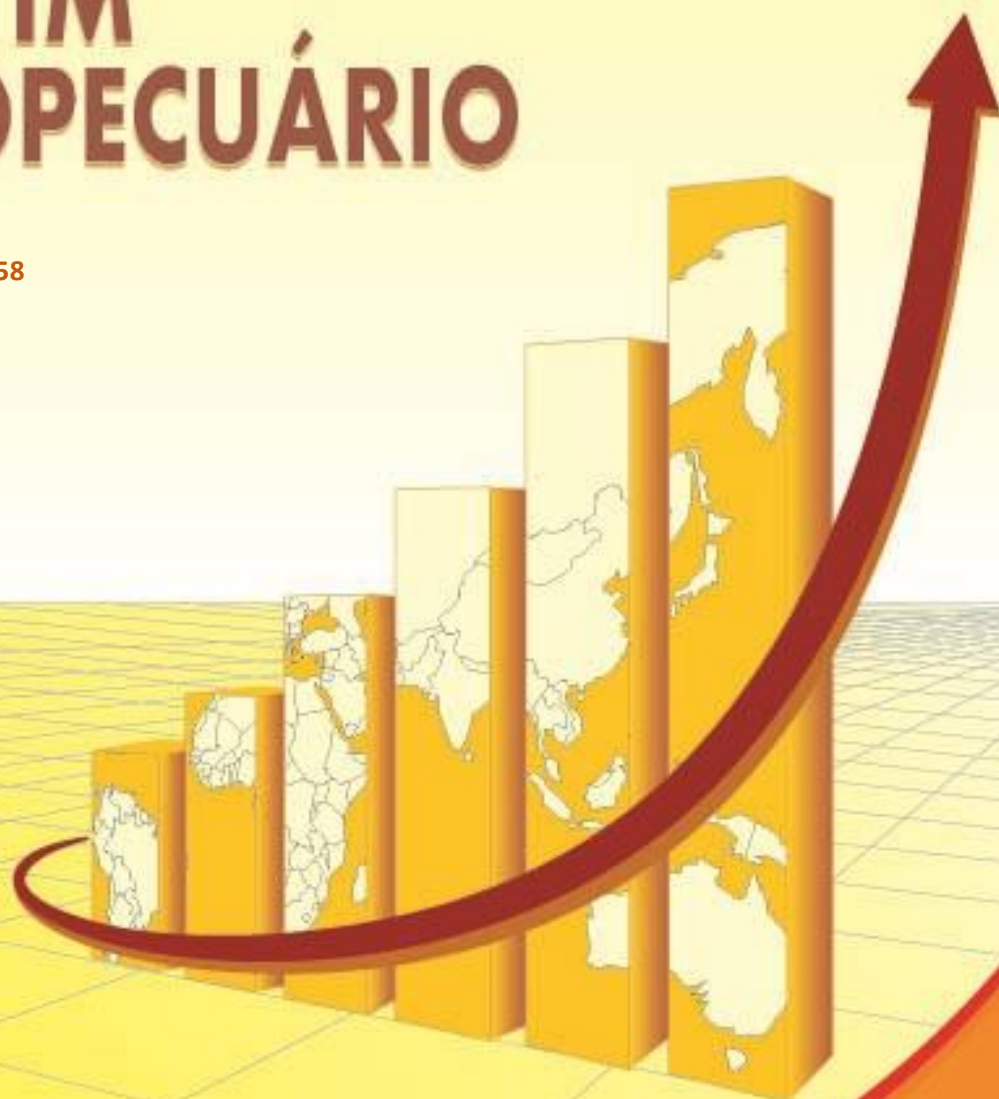


BOLETIM AGROPECUÁRIO

Março/2018 – Nº 58



Empresa de Pesquisa Agropecuária
e Extensão Rural de Santa Catarina

CEPA

Centro de Socioeconomia
e Planejamento Agrícola



**GOVERNO
DE SANTA
CATARINA**

Secretaria da Agricultura
e da Pesca



Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reney Dorow



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Haroldo Tavares Elias
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis

2018

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa

Enilto de Oliveira Neubert – Epagri/DPI

João Rogério Alves – Epagri/Cepa

Haroldo Tavares Elias – Epagri/Cepa

Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa

Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa

Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Léo Teobaldo Kroth – Epagri/Cepa

Marcia Mondardo – Epagri/Cepa

Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br//>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann

Presidente da Epagri

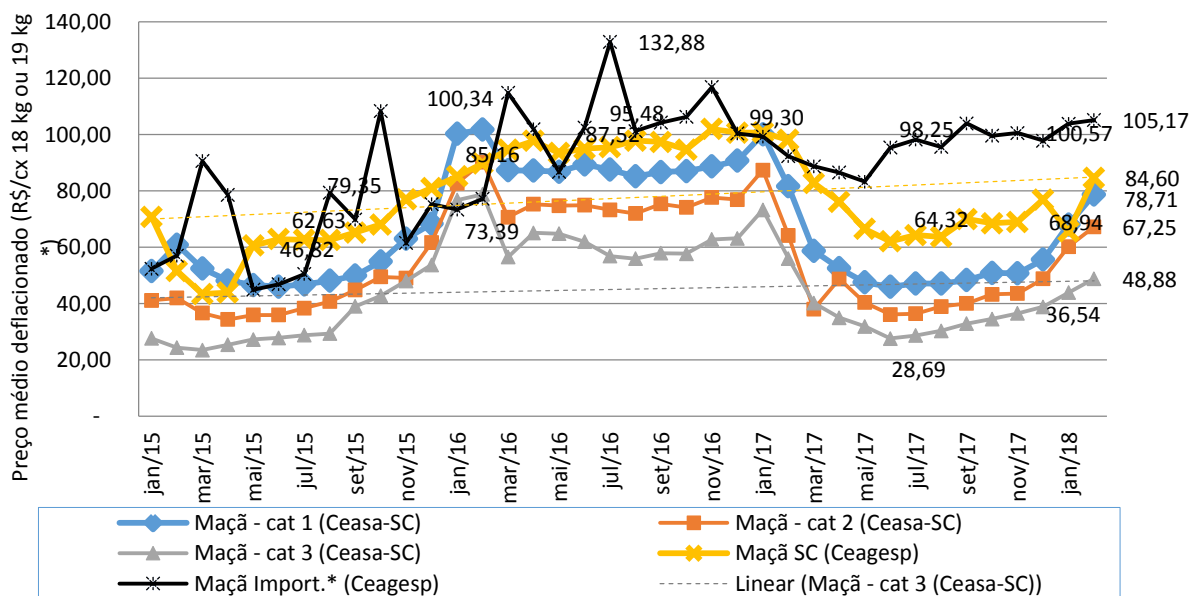
Sumário

Fruticultura.....	7
Maçã	7
Grãos	10
Arroz	10
Feijão	14
Milho.....	18
Soja	23
Trigo.....	26
Hortaliças	29
Alho.....	29
Cebola	32
Pecuária.....	35
Avicultura.....	35
Bovinocultura	41
Suinocultura.....	45
Leite	51

Fruticultura

Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



(*) Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.

Nota: preço deflacionado pelo IGP-DI (fev/17=100).

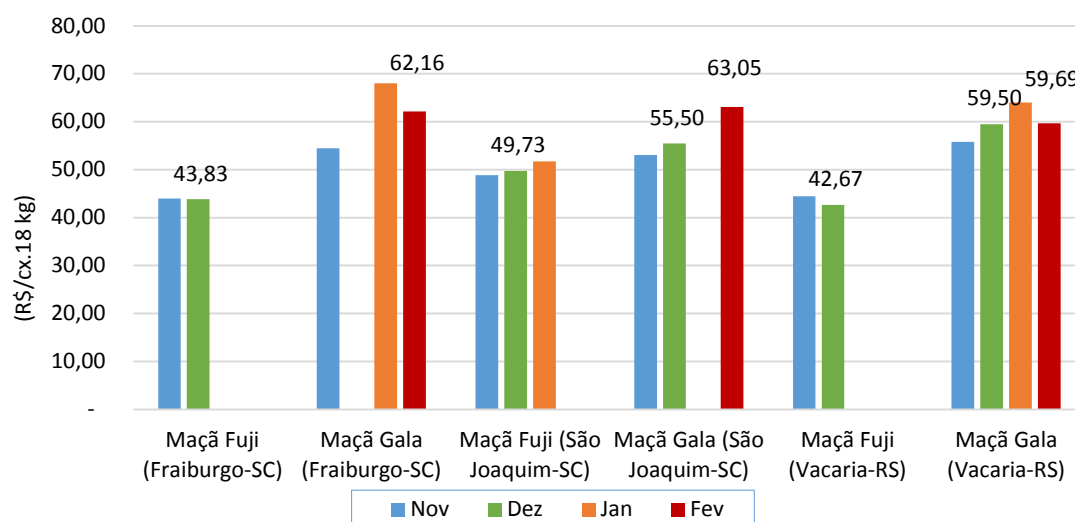
Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Maçã - Evolução do preço médio mensal no atacado

Nos dois primeiros meses de 2018, com a entrada de frutas frescas da safra 2017/18, os preços deflacionados da maçã nas centrais catarinense e paulistana seguiram a tendência com valorização nas cotações de 16% para maçã cat.1 vendida no Ceasa/SC; e de 29% da maçã de origem catarinense negociada na Ceagesp.

Na Ceasa/SC, no comparativo entre fevereiro de 2018 e de 2017, os preços da maçã estão desvalorizados em 3,6% para a categoria 1 e 12,7% para a categoria 3, com a fruta classificada como cat.3 representando 62% do valor médio da cat.1 no entreposto. Na safra 2017/18, a predominância é de frutas miúdas no total colhido, diferente das safras anteriores em que as frutas menores representavam menos de 40% do volume comercializado.

Na Ceagesp, em fevereiro de 2018, a maçã catarinense estava com cotação desvalorizada 13,8% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Já, em relação ao preços negociados em 2015 (ano com safra referência) houve recuperação da cotação do mês de fevereiro, com valorização de 64%. A maçã importada está com o preço valorizado em 84,4% em comparação com fevereiro de 2015 e 13,9% ao mesmo mês em 2017. Com a entrada de frutas frescas de melhor qualidade (cat.1 graúda) em menor quantidade que o esperado houve aumento nos preços com expectativa de manutenção desta tendência para a categoria. Mas, os preços médios tendem a recuar com a comercialização da maçã Fuji fresca, entre março e abril, e com a maior participação de frutas menores na safra.



Nota: Maçã (cat.1) graúda embalada

Fonte: Epagri/Cepa e Cepea/Esalq/USP.

Maçã – Preço médio ao produtor nas praças de SC e RS

Em Fraiburgo, a cotação da maçã Gala desvalorizou 8,6%, no primeiro bimestre de 2018, devido a concorrência das maçãs precoces com a Gala fresca na safra 2017/18. A expectativa é o aumento do volume colhido no mês de março com pressão nos preços praticados.

Em São Joaquim, a maçã Gala segue com valorização nas cotações de frutas de categoria 1 (graúdas). Mas a grande participação de frutas miúdas no volume colhido está afetando as cotações com diferenças de mais de 30% nos preços negociados entre frutas de calibres grandes e pequenos. Alguns produtores estão negociando parte do volume produzido com valores próximos aos custos de produção, que estão sendo estimados em valores abaixo de R\$ 17,00 a caixa de 18 quilos. Em Vacaria, a predominância de frutas miúdas desvalorizou os preços da maçã Gala em 6,7% aos praticados no biênio anterior. A expectativa é o escalonamento da comercialização com alternância entre frutas frescas e o estoque de maçãs Fuji (da safra anterior) e maçãs “precoces” (clone de gala) da atual safra, para recuperar as cotações da fruta até o mês de abril. Além de estocar parte das frutas frescas menores para reduzir a oferta destas no mercado, outra estratégia é aumentar a exportação de maçãs frescas miúdas.

No primeiro bimestre de 2018, as exportações chegaram a mais de 4,3 mil toneladas com valores negociados de US\$ 3,1 milhões (FOB), com aumentos em relação ao mesmo período do ano anterior de 87,4% e 73,6%, respectivamente. Bangladesh representou 38,6% de participação no valor das exportações brasileiras, seguida da Irlanda (20,3%) e da Federação Russa (17,4%). A Irlanda e a Federação Russa foram responsáveis pelos maiores aumentos na quantidade negociada com o Brasil, com aumentos de mais de 95% nos últimos quatro anos; o que representou cerca de US\$ 1,2 milhão (FOB) negociados, com mais de 1,4 mil toneladas comercializadas da fruta. Já as maiores quedas no volume exportado foram com a Suécia e o Reino Unido, com diminuição de 60% na quantidade negociada entre 2015 e 2018; e envolvendo cerca de 500 mil toneladas e mais de US\$ 350 milhões (FOB).

Maçã – Comparativo entre as estimativas da safra 2016/17 e 2017/18 – Santa Catarina

Principais MRG com cultivo de maçã	Estimativa final 2016/17 (Epagri/Cepa)			Estimativa inicial 2017/18 (Epagri/Cepa)			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produ- ção (t)	Produtivi- dade média (kg ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produ- ção (t)	Produtivi- dade média (kg ha ⁻¹)	Área Colhida	Produ- ção	Produ- tiv. média
Joaçaba	3.040	111.800	36.776	3.040	107.854	35.478	0,00%	-3,53	-3,53
Canoinhas	150	3.965	26.433	140	3.646	26.046	-6,67%	-8,04	-1,47
Curitibanos	995	32.113	32.274	995	33.288	33.455	0,00%	3,66	3,66
Campos de Lages	11.970	482.131	40.278	11.972	468.739	39.153	0,02%	-2,78	-2,79
Outras	4	30	7.500	4	30	7.500	0,00%	0,00	0,00
Total	16.159	630.039	38.990	16.151	613.557	37.989	-0,05%	-2,62	-2,57

Fonte: Epagri/Cepa (nov./2017).

Grãos

Arroz

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

Colheita no estado segue em ritmo acelerado: 62% da área plantada já foi colhida

Fechamos o mês de fevereiro com cerca de 62% da área plantada com arroz irrigado no Estado colhidos. Analisando o panorama estadual, a expectativa dos produtores é de uma “safra cheia”, mas um pouco menor do que a colhida na temporada passada. A Região do Litoral Norte é a que está com a colheita mais adiantada; na Microrregião Geográfica (MRG) de Joinville cerca de 90% das lavouras já foram colhidos. Nas MRG’s de Blumenau e Itajaí a colheita alcançou 80% da área plantada. Estima-se que a colheita nessas microrregiões se estenda até o início de abril. As áreas destinadas a produção de soca também chamam a atenção. Estima-se que em cerca de 60% da área plantada na região os produtores pretendem colher soca, podendo, em alguns municípios, chegar a 80% da área plantada.

Na Região Sul, que compreende as MRG’s de Araranguá, Criciúma e Tubarão, a colheita alcançou 60%, 80% e 35%, respectivamente. As lavouras no Sul encontram-se com ótimo desenvolvimento vegetativo e os produtores seguem otimistas para mais uma boa safra. Exceção é o município de Nova Veneza, que contabiliza os prejuízos em função da incidência de granizo. O clima seco e as temperaturas altas têm acelerado a maturação das lavouras e os produtores aproveitam para dar continuidade à colheita, que deve se intensificar nesta primeira quinzena de março. Mesmo com o avanço da colheita, os preços têm se mantido estáveis, mas muito aquém do que desejam os produtores. Os rizicultores estão recebendo entre R\$ 32,00 e R\$ 33,00/sc de 50Kg, sendo R\$ 32,90 o “valor mais comum”. Estes valores variam de acordo com o custo de frete, prazos de pagamento, qualidade do grão e condições de armazenamento.

Na Região do Alto Vale do Itajaí, composta pelas microrregiões de Rio do Sul e Ituporanga, cerca de 10% da área cultivada já foi colhida. As lavouras estão apresentando bom desenvolvimento, com o clima sendo favorável. A exceção são lavouras dos municípios de Rio do Sul e Agronômica, que foram fortemente atingidas pelo granizo ocorrido no último dia 26/02. As áreas já estavam no ponto de colheita, tendo uma forte chuva, acompanhada de granizo, atingido principalmente estes dois municípios. No município de Agronômica já estavam colhidos em torno de 20% da safra. Estima-se que em algumas propriedades as perdas podem chegar a 80% da área a ser colhida. Já no município de Rio do Sul, a colheita ainda não tinha iniciado no momento do evento climático. Por lá estima-se que as perdas em produção podem chegar a 40% do esperado.

Em Santa Catarina, o preço mais comum para a saca de 50kg de arroz passou de R\$ 35,78 (valor estimado) no mês de janeiro, para R\$ 32,29 no mês de fevereiro, redução de cerca de 10%. No acumulado de 12 meses, em termos nominais, as perdas chegam a 28%. Em fevereiro de 2017 o preço médio pago ao produtor pela saca de arroz estava cotado a R\$ 44,86. No Rio Grande do Sul, responsável por cerca de 70% da produção nacional de arroz, a saca de 50kg passou de R\$ 36,63 para R\$ 35,91, uma redução de cerca de 2% no mês. Há um ano, a saca estava cotada a um preço médio de R\$ 48,80, redução de 26% em 12 meses. No Mato Grosso e Tocantins, estados que comercializam arroz em casca em sacas de 60kg, o mercado registrou queda no preço pago aos produtores de aproximadamente 0,87% e 1,48%, respectivamente.

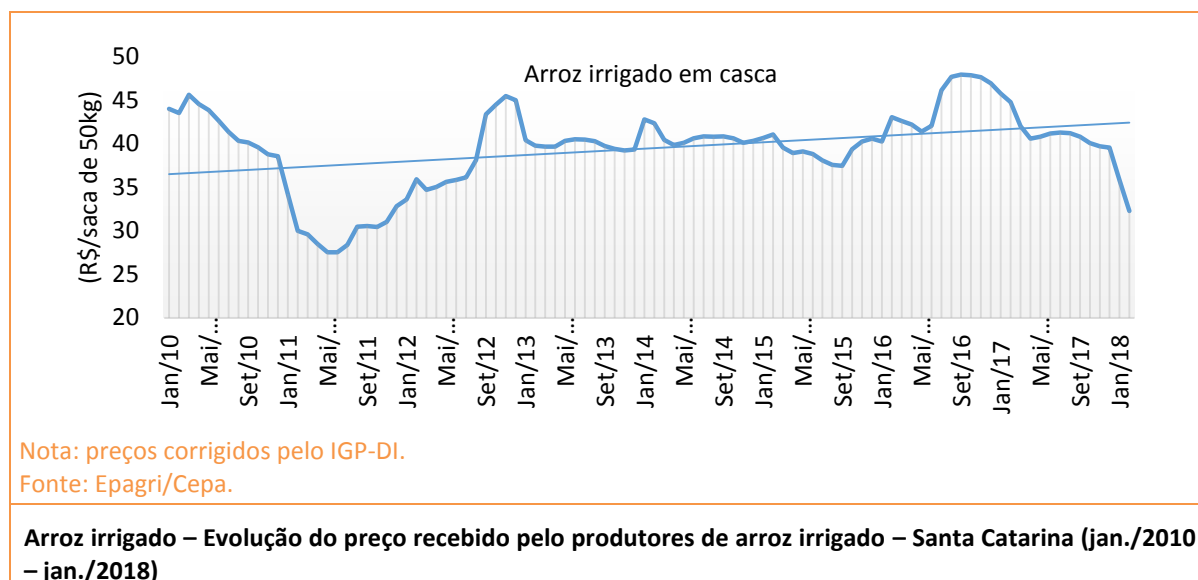
Arroz – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor - safra 2017/18 – R\$/saca					
Estado	Jan./18	Fev./18	Variação (%)	Fev./17	Variação (%)
Santa Catarina	35,78 ⁽¹⁾	32,29	-9,75	44,86	-28,02
Rio Grande do Sul	36,63	35,91	-1,97	48,80	-26,41
Mato Grosso	40,35	40,00	-0,87	57,53	-30,47
Tocantins	52,78	52,00	-1,48	64,26	-19,08

Nota: SC e RS = arroz irrigado em casca sc 50kg, MT e TO = arroz sequeiro sc 60kg.

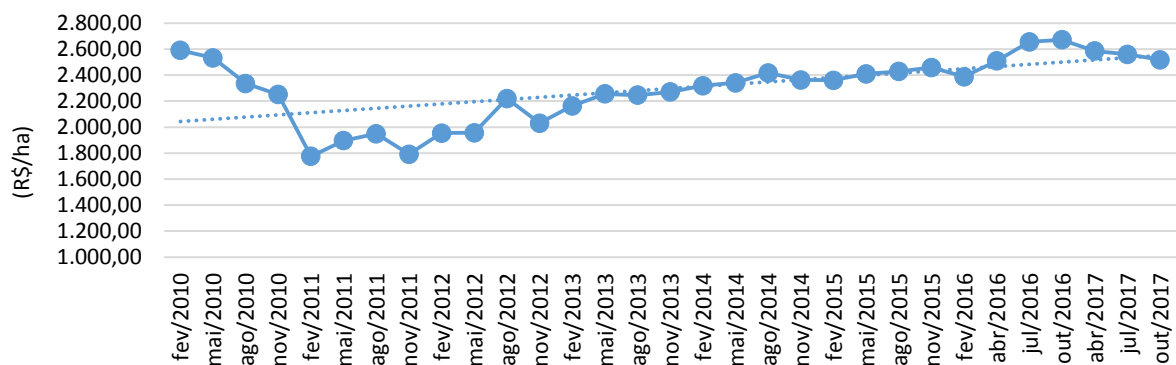
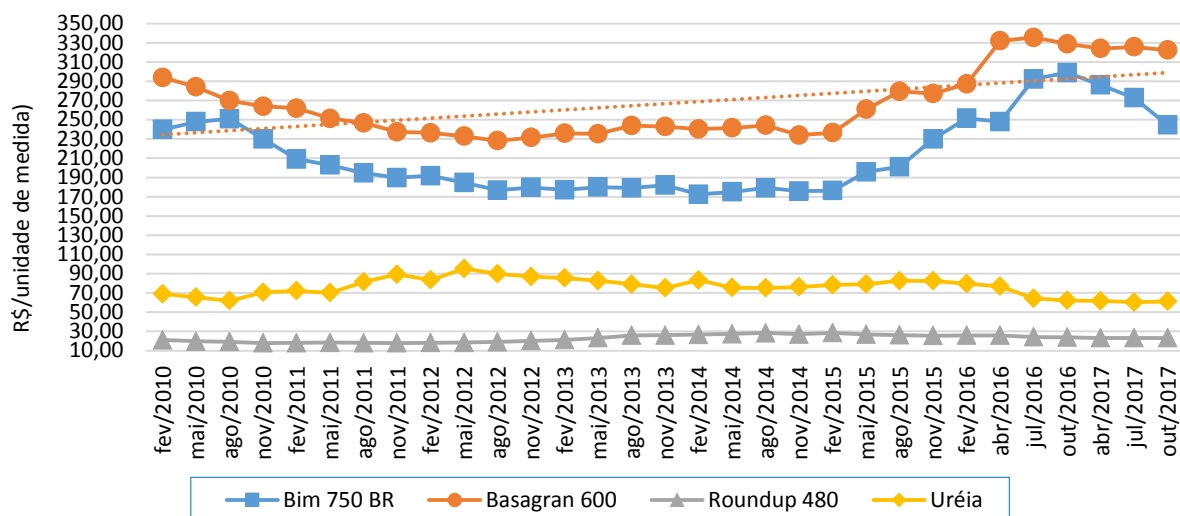
⁽¹⁾ Preço estimado.

Fonte: Epagri/Cepa(SC), Agrolink (RS/MT/TO).

Ao deflacionarmos os preços da saca do arroz em casca, verificamos que os preços chegaram neste início de ano a um patamar impraticável. No gráfico abaixo, fica claro que no período de janeiro de 2010 a janeiro de 2018 ocorreram oscilações nas cotações do cereal ao longo do tempo, com uma linha de tendência de alta nos preços a partir de 2011. Porém, a partir do final do ano de 2017, especialmente nos primeiros meses dos anos, o que se observa é uma abrupta queda nos preços pagos aos produtores, gerando uma crise em toda cadeia produtiva. Vale a pena lembrar que os custos de produção estão crescentes. Para uma produtividade média de 142 sacas/ha em novembro/2016 o custo total por saco estava em R\$ 50,93, enquanto a saca do arroz em casca foi cotada a R\$ 46,79, resultado para o produtor numa lucratividade negativa de R\$ 331,24/ha. Para a mesma produtividade de 142 sacas/ha, em novembro de 2017 o custo por saca de arroz em casca foi de R\$ 49,04, sendo que a cotação da saca de arroz em casca ficou em R\$ 39,17, com o produtor tendo que amargar lucro negativo de R\$ 1.401,84. Esses números demonstram que o produtor vem a muito tempo contabilizando prejuízos safra após safra. Mais do que nunca o setor deve estar unido para buscar soluções viáveis para equacionar essa situação insustentável, que está inviabilizando a permanência na atividade de inúmeras famílias de rizicultores em todo estado.



Ainda em relação ao custo de produção, tomando como exemplo os principais insumos utilizados no cultivo do arroz irrigado, percebe-se igualmente uma tendência de alta nos seus preços. Da mesma forma, o custo do arrendamento do hectare de arrozeira teve crescimento nesse período, fator de produção é de fundamental importância no cálculo do custo de produção. Em Santa Catarina, uma parcela significativa dos produtores de arroz são arrendatários, sendo que na região do Litoral Norte do Estado esse percentual chega a 67% da área cultivada, na região Litoral Sul 54% da área e no Alto Vale cerca de 53% da área cultivada é explorada em regime de arrendamento.



Arrendamento de terra - arroz irrigado

Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI.

Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz irrigado – Evolução do preço pago por arrendamento de terra por insumos pelo produtor pelo arroz – Santa Catarina (fev/2010 – out/2017)

Até o momento, nossas estimativas apontam para uma safra com uma produção menor em cerca de 1,14% em relação à safra passada. Deveremos colher nesta safra cerca de 1,16 milhões de toneladas, numa área de aproximadamente 148 mil hectares. A expectativa é de que a produtividade gire em torno de 157 sacas/ha, rendimento muito aproximado ao que foi obtido na temporada passada.

Arroz Irrigado – Comparativo safra 2016/17 e safra 2017/18 – Santa Catarina									
Microrregião	Safra 2016/17			Safra 2017/18 (estimativa atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	51.730	401.179	7.755	51.730	398.119	7.696	0,00	-0,76	-0,76
Blumenau	8.379	72.962	8.708	8.376	67.345	8.040	-0,04	-7,70	-7,66
Criciúma	20.857	167.558	8.034	20.857	162.943	7.812	0,00	-2,75	-2,75
Florianópolis	3.095	17.336	5.601	2.660	17.336	6.517	-14,05	0,00	16,35
Itajaí	9.261	76.190	8.227	9.261	73.128	7.896	0,00	-4,02	-4,02
Ituporanga	269	2.152	8.000	277	2.475	8.935	2,97	15,01	11,69
Joinville	20.036	167.916	8.381	20.036	164.871	8.229	0,00	-1,81	-1,81
Rio do Sul	10.759	89.384	8.308	10.702	95.695	8.942	-0,53	7,06	7,63
Tabuleiro	146	1.238	8.479	126	1.056	8.381	-13,70	-14,70	-1,16
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,00
Tubarão	21.094	160.020	7.586	21.094	159.613	7.567	0,00	-0,25	-0,25
Santa Catarina	148.316	1.176.234	7.931	147.809	1.162.880	7.867	-0,34	-1,14	-0,80

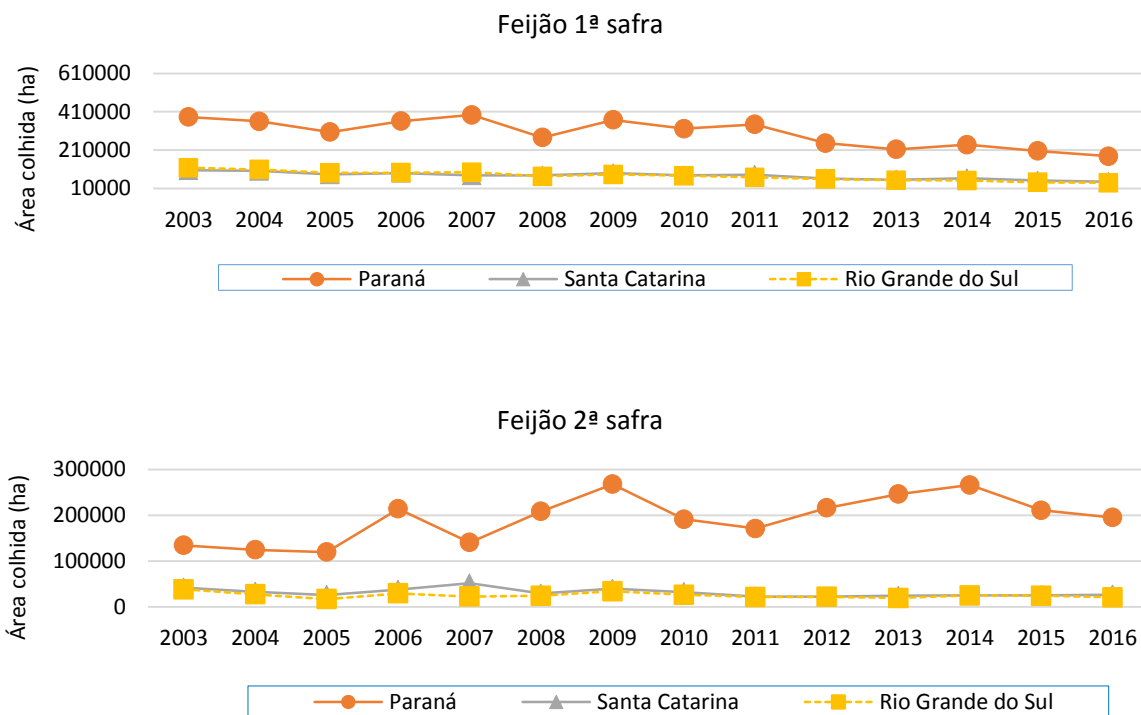
Fonte: Epagri/Cepa (Fevereiro/2018).

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

A produção de feijão em Santa Catarina se caracteriza por ser cultivada em duas safras. Na primeira safra, também conhecida como safra das águas, o plantio se dá entre os meses de agosto e dezembro, período em que, normalmente, há bom regime de chuvas, por isso, “safra das águas”. Já na segunda safra, que em muitas regiões é chamada de “safra da seca”, o plantio acontece entre dezembro e março. Analisando os extremos da série de 13 anos (2003 a 2016), constatamos que a redução na área plantada do feijão da primeira safra em Santa Catarina chega a 57,3%, no Paraná a 53,4% e no Rio Grande do Sul chega a 66,0%. Os motivos para essa redução significativa são vários. Dentre eles, a competição de área por culturas mais rentáveis, como milho e soja, as dificuldades de manejo e controle fitossanitário por excesso de chuvas e as perdas de qualidade na comercialização, sobretudo para o feijão carioca. Essa tendência de redução de área de feijão 1ª safra também é observado em nível nacional. No país a redução de área dessa lavoura chega a 49,2%.

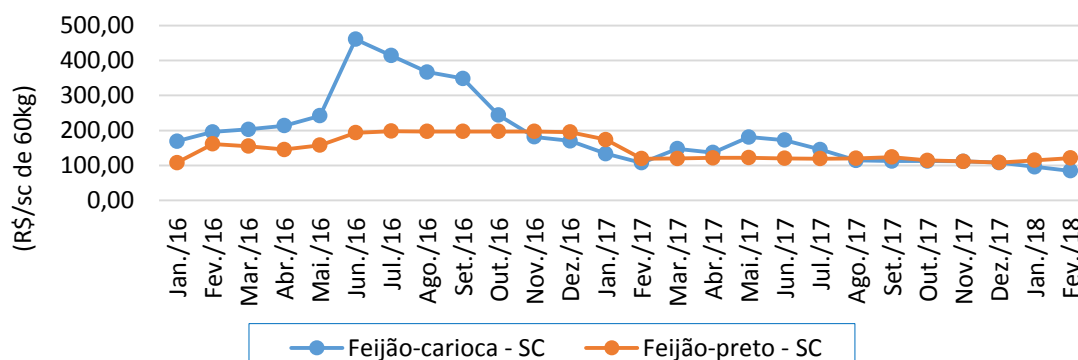
O alto custo de produção da cultura do milho, aliado a irregularidade nos preços pagos ao produtor, tem motivado produtores a investir mais no feijão 2ª safra, sobretudo no Centro-Oeste do País. Em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul as área tem se mantido relativamente estáveis ao longo dos últimos 13 anos, mas no Paraná podemos observar que houve um incremento significativo de 45,0% na área destinada ao plantio dessa lavoura. Em termos de Brasil, há uma redução de 10,7% na área destinada ao feijão 2ª safra.



Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão 1ª e 2ª safras – Evolução da área plantada em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul – 2003-2016

Ao longo dos últimos três anos podemos verificar que os preços do feijão-preto tem se mantido relativamente constantes, com pequenas variações positivas. Ao longo deste período, o preço médio ficou em R\$ 131,54. Já o feijão-carioca teve grande oscilação, alternando picos de alta e acentuado declínio nas cotações. Para o feijão-carioca, o preço médio na série analisada ficou em R\$ 163,99/saca, o que corresponde a uma diferença de cerca de 25% maior em relação ao feijão preto.



Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor de feijão carioca (Joaçaba/SC) e feijão preto (Canoinhas/SC) – jan./2016 a fev./2018. (preços corrigidos pelo IGP-DI)

Na praça de Joaçaba, referência para tomada de preços para o feijão-carioca no Estado, o preço mais comum para a saca de 60kg passou de R\$ 96,02 no mês de janeiro, para R\$ 84,71 no mês de fevereiro, uma redução de 11,8%, comportamento de baixa que também foi observado nos estados do Paraná e São Paulo. No estado de Minas Gerais ocorreu alta de 18,0%. Merece destaque que, na comparação com os preços de um ano atrás, a variação dos preços para Santa Catarina apresenta redução de 21%, tendo em vista que em fevereiro de 2017 o produtor catarinense recebeu cerca de R\$ 107,78/60kg. Para o feijão-preto, que em Santa Catarina corresponde a cerca 60% da área plantada, os preços tiveram pequena alta de 6,0% no mês de fevereiro. No Paraná, alta de 11% e no Rio Grande do Sul, modesta queda de 0,53%.

Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor - safra 2017/18 (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Jan./18	Fev./18	Variação (%)	Fev./17	Variação (%)
Santa Catarina	Feijão Carioca	96,02	84,71	-11,78	107,78	-21,40
Paraná		90,46	89,83	-0,70	104,58	-14,10
São Paulo		114,48	105,64	-7,72	130,76	-19,21
Minas Gerais		90,49	106,79	18,01	154,10	-30,70
Goiás		93,05	95,38	2,50	137,47	-30,62
Santa Catarina	Feijão Preto	114,71	121,43	5,86	120,00	1,19
Paraná		105,92	117,14	10,59	127,02	-7,78
Rio Grande do Sul		129,28	128,59	-0,53	196,17	-34,45

Nota: Feijão-preto, referência Canoinhas/SC. Feijão-carioca, referência SC Joaçaba/SC - fev./2018.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS, MG, GO e SP)

Na Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP), no dia 08 de março a saca de 60kg do feijão-carioca nota 9,0 foi comercializado a R\$ 112,50/60kg e o nota 8,5 foi cotado a R\$ 104,00/60kg, com o comportamento de mercado calmo. O mercado para o feijão-preto também se manteve calmo. No mesmo período, o feijão-preto extra foi cotado a R\$ 142,50 a saca de 60kg.

Feijão – Preço médio diário do feijão no mercado atacadista de São Paulo

Produto ⁽¹⁾	8/02/2018	8/03/2018	Variação (%)	Mercado ⁽²⁾
Feijão Carioca Extra (9,0)	115,00	112,50	-2,17	Calmo
Feijão Carioca Especial (8,5)	105,00	104,00	-0,95	Calmo
Feijão Carioca Comercial (8,0)	90,00	91,50	1,67	Calmo
Feijão Preto Extra	157,50	142,50	-9,52	Calmo
Feijão Preto Especial	145,00	130,00	-10,34	Calmo

⁽¹⁾ Feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP

⁽²⁾ Comportamento do mercado em 08/03/2018

Nota: Mercado calmo: quando os preços se mantêm ou sofrem pequenas oscilações

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo, BCSP

Neste mês de março estamos divulgando nossa estimativa inicial para a segunda safra de feijão catarinense. Os dados foram levantados a campo junto a informantes chaves nas 20 microrregiões geográficas do Estado. São dados que retratam o andamento das lavouras e expressam, em grande medida, as condições de clima e fitossanidade em que as lavouras vem se desenvolvendo. Até o momento, já foi semeada cerca de 67% da área destinada ao plantio do feijão 2ª safra. É esperado o plantio de 21,5 mil hectares, com destaque para as microrregiões de Xanxerê (31%), Criciúma (17%) e Canoinhas (13%). Essa área é cerca de 15% menor do que destinada para o plantio na safra passada. O prognóstico do rendimento médio não sofreu grande variação em relação à safra 2016/17, mas com a redução de área a produção esperada deverá diminuir em cerca de 16%. Em se confirmando esses números iniciais, a safra de feijão 2ª irá contribuir com cerca de 27,5% da produção total de feijão no Estado.

Feijão 2ª safra – Comparativo de safra 2016/17 e 2017/18

Microrregião	Safra 2016/2017			Estimativa Inicial - Safra 2017/2018			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	717	722	1.007	485	437	902	-32	-39	-10
Canoinhas	3.700	6.030	1.630	2.910	5.072	1.743	-21	-16	7
Chapecó	2.248	3.582	1.593	2.091	3.378	1.615	-7	-6	1
Concórdia	64	98	1.523	84	143	1.702	31	47	12
Criciúma	3.377	3.813	1.129	3.697	3.799	1.028	9	0	-9
Ituporanga	1.465	2.638	1.801	1.500	2.396	1.597	2	-9	-11
Rio do Sul	629	1.109	1.763	623	942	1.512	-1	-15	-14
São Bento do Sul	220	238	1.080	160	192	1.200	-27	-19	11
São M. do Oeste	2.165	3.588	1.657	1.815	3.144	1.732	-16	-12	5
Tubarão	1.490	1.599	1.073	1.494	1.533	1.026	0	-4	-4
Xanxerê	9.220	18.207	1.975	6.640	14.016	2.111	-28	-23	7
Santa Catarina	25.295	41.624	1.646	21.499	35.052	1.630	-15	-16	-1

Fonte: Epagri/Cepa (fevereiro/2018)

Quanto ao feijão 1ª safra, no Estado a colheita alcançou cerca de 60% da área plantada. Ao que tudo indica, teremos uma safra muito parecida com a safra passada, seja em termos de área plantada, como em produção e rendimento. No Planalto Norte Catarinense a colheita está praticamente concluída, com concentração de cerca de 60% no mês de fevereiro. Em relação a qualidade do produto colhido, há grande variação em função das condições climáticas na colheita. Nas regiões Sul Catarinense e Alto Vale a colheita está encerrada. Já nas regiões do Planalto Sul e Serrana cerca de 20% da área destinada ao plantio de feijão 1ª safra já foi colhida. As operações de colheita devem se intensificar na segunda quinzena de março, com rendimentos médios girando em torno de 2.100 kg/ha ao final da safra.

Feijão 1ª safra – Comparativo de safra 2016/17 e estimativa atual da safra 2017/18

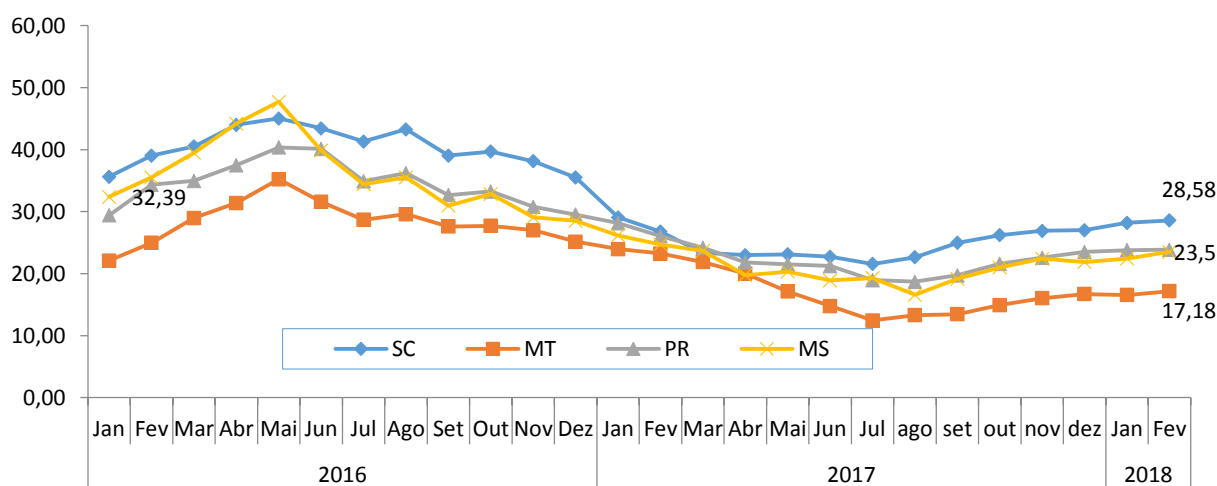
Microrregião	Safra 2016/17			Estimativa atual safra 2017/18			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. Médio
Araranguá	107	115	1.073	98	96	979	-8	-16	-9
Blumenau	164	168	1.024	95	100	1.053	-42	-40	3
Campos de Lages	9.520	20.192	2.121	9.870	18.529	1.877	4	-8	-11
Canoinhas	6.160	13.450	2.183	6.000	11.540	1.923	-3	-14	-12
Chapecó	2.362	5.051	2.138	2.752	5.556	2.019	17	10	-6
Concórdia	411	627	1.526	616	1.094	1.776	50	74	16
Criciúma	1.076	1.346	1.251	396	453	1.144	-63	-66	-9
Curitibanos	10.095	21.026	2.083	9.095	19.967	2.195	-10	-5	5
Florianópolis	140	185	1.321	140	185	1.321	0	0	0
Itajaí	7	8	1.143	7	8	1.143	0	0	0
Ituporanga	931	1.857	1.995	1.107	2.212	1.998	19	19	0
Joaçaba	3.733	7.019	1.880	3.783	7.085	1.873	1	1	0
Joinville	14	10	714	14	10	714	0	0	0
Rio do Sul	602	992	1.648	684	1.112	1.626	14	12	-1
São Bento do Sul	445	838	1.883	500	880	1.760	12	5	-7
São M. do Oeste	1.297	2.673	2.061	1.412	3.014	2.135	9	13	4
Tabuleiro	400	442	1.105	485	544	1.122	21	23	2
Tijucas	264	426	1.614	184	213	1.158	-30	-50	-28
Tubarão	1.057	1.503	1.422	1.033	1.340	1.297	-2	-11	-9
Xanxerê	7.035	16.634	2.364	7.742	18.314	2.366	10	10	0
Santa Catarina	45.820	94.562	2.064	46.013	92.253	2.005	0	-2	-3

Fonte: Epagri/Cepa, IBGE/LSPA – SC (Fevereiro/2017).

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

No mês de fevereiro e início de março os preços do milho tiveram forte reação nos principais estados produtores e, em especial, para os consumidores. Mesmo com o início da colheita da primeira safra nos estados do Sul, a intensidade da elevação dos preços surpreendeu o mercado. No Mato Grosso, Paraná e Santa Catarina as cotações em fevereiro registraram R\$ 17,18/sc, R\$ 23,86/sc e R\$ 28,58/sc, respectivamente.



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink.

Milho – Evolução do preço médio mensal real ao produtor em Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná, Mato Grosso do Sul – 2016 a fevereiro/2018

Fatores que influenciaram altas significativas no início do ano:

Conforme reportamos em janeiro, a ocorrência da estiagem na Argentina vem influenciando os preços. O mercado acompanhou a evolução das condições climáticas naquele país, conforme relata a Bolsa de Cereais da Argentina: *“El 52% del área sembrada con soja, maíz y girasol se encuentra en condición hídrica de sequía. Mantenemos la proyección de producción de maíz con destino grano comercial para la campaña 2017/18 en 34.000.000 Tn, 5 MTn menos que las recolectadas la campaña previa”*¹.

Portanto, redução já quantificada de 5 milhões de toneladas de milho em relação à safra passada naquele país.

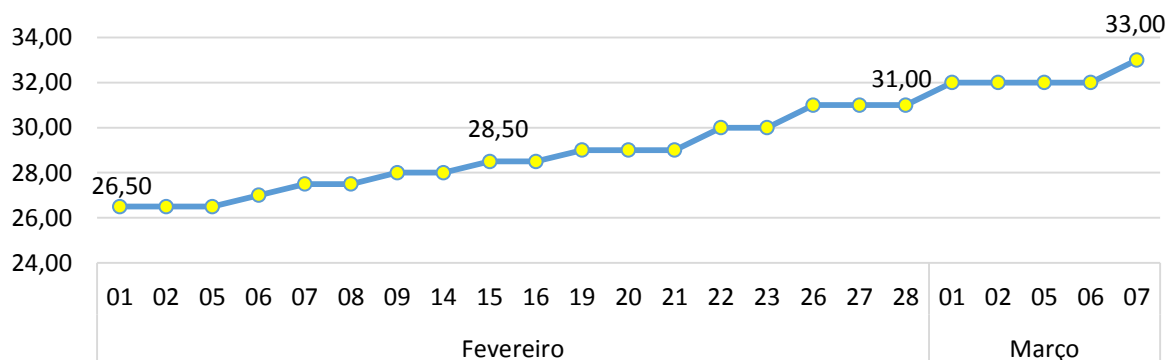
Outros fatores importantes que estão influenciando o mercado do cereal no momento estão relacionados com:

¹ Bolsa de Cereales Departamento de Estimaciones Agrícolas - Argentina. Panorama Semanal, 07/03/2018.

- atraso no plantio da segunda safra no Paraná, Mato Grosso e outros estados. Considerando o avanço médio da semeadura nas últimas cinco safras para esse mesmo período no Mato Grosso, estima-se que os trabalhos atinjam 73,9% da área até o fim da janela ideal para o Estado, o que poderá refletir na redução de rendimento e, por consequência, na produção nacional na atual segunda safra. As atenções ficam por conta do comportamento climático nos próximos meses;
- a produção de milho da primeira safra, de 25,12 milhões de toneladas, deverá ser 17,5% inferior à safra passada, resultado da redução de área plantada e da produtividade²;
- os volumes de exportação de milho nos últimos meses pelo Brasil se mantiveram elevados. Com isto, os estoques internos do cereal estão diminuindo, o que consiste em um fator da evolução dos preços durante o ano em curso;
- apesar de haver estoques de milho ainda significativos no Brasil, o andamento da safra e o maior consumo interno, especialmente para produção de etanol e consumo animal, interferiram no ajuste dos estoques, influenciando a projeção do estoque final da safra 2017/18. O incremento no consumo estimado em 59 milhões de toneladas, deverá resultar um estoque final de 16,4 milhões², enquanto no final de 2017 o estoque reportado pela CONAB era superior a 20 milhões de toneladas;

Em função destes fatores, os preços no início deste ano tiveram uma forte elevação.

Em Santa Catarina, os preços diários ao produtor, em fevereiro e início de março, apresentaram reação altamente significativa. No dia 1º de fevereiro registrou R\$ 26,50/saca, enquanto no dia 28 bateu os R\$ 31,00/saca. Já no dia 07 de março alcançou R\$ 33,00/saca em Chapecó (praça referência no Estado). De 1º de fevereiro a 07 de março a alta foi de 24,5%. O preço médio no Estado em fevereiro de 2017 foi de R\$ 26,77 contra R\$ 28,58 em fevereiro de 2018, refletindo uma recuperação dos preços para o produtor. O produtor deve fazer análise da possibilidade de venda do produto, pois em momentos de alta poderá assegurar margem para a atividade.



Fonte: Epagri/Cepa.

Milho – Evolução do preço diário ao produtor . Fev. – mar. 2018 (R\$/saca, praça Chapecó)

² Conab - Acompanhamento da safra brasileira de grãos, v. 5 - Safra 2017/18, n.6 -Sexto levantamento, março 2018.

Estimativa para a safra 2017/18 – milho grão

A estimativa inicial (setembro/2017) de plantio de milho grão para a safra 2017/18 apontava para uma redução de 12,36% na área plantada e de 4,7% no rendimento, em relação à safra anterior, com uma redução na produção em torno de 16% (Tabela 1). Entretanto, a redução na área de plantio de milho está se apresentando maior, em torno de - 14,3% no Estado, bem como a redução da produtividade, em torno de - 7% relativo à safra anterior. Esta redução na área de plantio pode representar uma diminuição de 20,4% no volume total produzido no Estado nesta safra, o que poderá representar 500 mil toneladas a menos que no período anterior, já considerando uma estimativa de plantio do milho segunda safra em torno de 16.000 ha.

Milho 1ª Safra - Estimativa 2017/18 e comparativo safra anterior 2016/17

Microrregião	2016/17			2017/18			Est. atual/safra ant. (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	7.209	28.766	3.990	7.734	52.686	6.812	7,28	83,16	70,72 ⁽¹⁾
Blumenau	1.567	5.967	3.808	1.567	5.967	3.808	0,00	0,00	0,00
Campos de Lages	36.010	264.126	7.335	31.630	234.654	7.419	-12,16	-11,16	1,14
Canoinhas	31.400	298.370	9.502	28.800	267.460	9.287	-8,28	-10,36	-2,27
Chapecó	59.025	521.942	8.843	50.015	438.381	8.765	-15,26	-16,01	-0,88
Concórdia	23.930	201.858	8.435	22.650	170.145	7.512	-5,35	-15,71	-10,95
Criciúma	7.154	42.318	5.915	6.670	46.114	6.914	-6,77	8,97	16,88
Curitibanos	21.608	239.546	11.086	15.780	144.557	9.161	-26,97	-39,65	-17,37
Florianópolis	619	2.299	3.714	619	2.299	3.714	0,00	0,00	0,00
Itajaí	53	196	3.698	53	196	3.698	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	11.120	78.125	7.026	8.987	58.625	6.523	-19,18	-24,96	-7,15
Joaçaba	59.684	630.233	10.560	49.130	407.583	8.296	-17,68	-35,33	-21,44
Joinville	340	1.160	3.412	340	1.160	3.412	0,00	0,00	0,00
Rio do Sul	20.930	129.932	6.208	18.525	114.099	6.159	-11,49	-12,19	-0,79
São Bento do Sul	5.000	35.200	7.040	4.400	32.960	7.491	-12,00	-6,36	6,40
São Miguel do Oeste	39.500	330.930	8.378	32.685	260.872	7.981	-17,25	-21,17	-4,73
Tabuleiro	3.457	11.801	3.414	3.457	11.801	3.414	0,00	0,00	0,00
Tijucas	1.705	6.764	3.967	1.705	6.764	3.967	0,00	0,00	0,00
Tubarão	4.696	22.990	4.896	5.185	31.868	6.146	10,41	38,62	25,55
Xanxerê	27.280	288.392	10.572	20.310	209.550	10.318	-25,55	-27,34	-2,40
Santa Catarina	362.287	3.140.914	8.670	310.242	2.497.741	8.051	-14,37	-20,48	-7,14

⁽¹⁾ Rendimento foi reajustado na safra.

Panorama regional:

Região Oeste: Nas regiões de Chapecó, Xanxerê e Concórdia a colheita segue normal. Milho 1ª safra: Colheitas continuam sem maiores problemas, o tempo seco contribui para a atividade. Produções continuam conforme as estimativas previstas, apresentando redução em relação a safra anterior, porém com bons volumes. Até a 15 de março 76% das lavouras estavam colhidas. Os rendimentos das áreas colhidas estão dentro das estimativas previstas para a Região, oscilando entre 7.500 e 10.000 kg/ha, sendo os rendimentos mais altos alcançados na região de Xanxerê. No entanto, em função da irregularidade das chuvas em alguns períodos (setembro e início de dezembro 2017), a atual safra não deverá repetir os excelentes resultados da safra 2016/17. Há registros de perdas em municípios do Vale do Uruguai até Itapiranga, redução de 15-20% do rendimento esperado. São Miguel do Oeste e Chapecó concentram o plantio de milho 2ª Safra, com previsão que serão cultivados 12.000ha nestas regiões.

Regiões de Joaçaba, Campos Novos, Curitibanos e Caçador: As primeiras áreas começaram a ser colhidas em final de fevereiro. O clima não tem permitido uma evolução constante na colheita, devido as chuvas. Conforme comentado anteriormente, devemos ter uma safra com quebra significativa em relação à safra anterior nesta região. Os rendimentos obtidos até agora variam entre 6.000 e 9.000 kg/ha.

Campos de Lages: A maior parte das lavouras se encontra na fase de enchimento de grãos e maturação. As condições normais de umidade do solo e chuvas apontam para uma safra com bom rendimento.

Região Norte: Início de colheita para as áreas com plantio em setembro. Em 05.03.2017 a colheita de milho estava em torno de 35% a 40% da área plantada. Já para a atual safra, nesta mesma data as áreas colhidas estão em torno de 15-20%. Esta disparidade de colheita entre as últimas safras é devida ao plantio mais tardio por conta das condições climáticas em setembro, concentrando o maior percentual plantado entre os dias 24.09.17 e 07.10.2017 (50%). A produtividade destas áreas varia entre uma propriedade e outra, porém está sendo considerada excelente pelo produtor, uma vez que o volume de chuvas nesta região transcorreu normalmente. As estimativas de produtividades iniciais apontadas na região estão em 9.200 Kg/ha.

Alto Vale o Itajaí: Até o momento (15 março) 75% das lavouras estão colhidas. Com tempo firme, os produtores estão empenhados nesta atividade. O rendimento médio é de 6.500 a 7.500 kg/ha.

Sul do Estado: As condições climáticas favoráveis (calor e umidade) estão permitindo aos produtores realizar a semeadura da segunda safra (2017/18). O plantio da segunda safra se concentra em fevereiro e início de março. Junto com as Regiões de Chapecó e São Miguel do Oeste, o Sul do Estado responde por mais de 80% deste cultivo.

Milho segunda safra: Com os preços em elevação desde o início do ano, o plantio da segunda safra de milho poderá ser estimulado. No entanto, a estimativa inicial é semelhante à área cultivada na safra anterior, ou seja, 16.000ha. Há possibilidades de este número ser reajustado no próximo boletim.

Milho 2ª Safra - Estimativa safra 2018 e comparativo safra anterior 2017

Microrregião	Safra 2017			Estimativa inicial - 2018			Variação 2017/2018		
	Área plant. (ha)	Quantidade prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant. (ha)	Quantidade prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant. (ha)	Quantidade prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)
Araranguá	880	4.418	5.021	910	5.389	5.922	3,4	22,0	17,9
Chapecó	5.904	33.233	5.629	5.904	42.175	7.143	0,0	26,9	26,9
Concórdia	700	3.180	4.543	700	4.900	7.000	0,0	54,1	54,1
Criciúma	1.066	5.881	5.517	864	4.728	5.472	-18,9	-19,6	-0,8
Tubarão	894	4.975	5.564	904	5.053	5.590	1,1	1,6	0,5
Xanxerê	720	4.482	6.225	720	5.150	7.153	0,0	14,9	14,9
Santa Catarina	16.074	85.639	5.328	16.022	101.380	6.328	-0,3	18,4	18,8

Panorama estadual

No âmbito estadual, na primeira semana de março (05/03/18) em torno de 45% de milho grão já estava colhido no Estado, em especial no Oeste e Extremo Oeste. Estas áreas foram semeadas em final de agosto e início de setembro. Mas, em função da estiagem nas regiões do Extremo Oeste (em setembro) e Campos Novos (em dezembro), deverá resultar quebra no rendimento de 10 a 15%, comparativamente a safra anterior. Nas demais áreas do Estado as lavouras encontram-se com desenvolvimento normal até o período. No contexto geral, o prognóstico realizado pela Epaagri/Cepa em setembro/2017 está se confirmando, ou seja, a produção da safra atual deverá ser 20,4% inferior frente ao período anterior, que

foi excelente, de acordo com o acompanhamento sistemático das últimas cinco safras. Há que se ressaltar este aspecto, pois considerando a média do rendimento das últimas 3 safras, que foi de 7.880 Kg/ha³, a atual safra pode ser considerada normal, com perspectivas de fechar com rendimento próximo a 8.000 Kg/ha.

Climatologia - (o que se espera para época do ano⁴):

Nas primeiras semanas de março a chuva convectiva (curta duração), típica de verão, ainda ocorre entre a tarde e noite, por vezes também na madrugada. A partir da segunda quinzena de março, a chuva de verão (convectiva) diminui, as frentes frias chegam com mais frequência ao Sul do Brasil, sendo responsáveis pela maior parte da chuva em Santa Catarina. A média mensal é de **110 mm a 140mm** do Oeste ao Planalto e mais alta no Litoral e Vale do Itajaí, de **150 mm a 200 mm**. Em abril e maio a chuva diminui e a média mensal é de **100 mm a 170 mm**, com valores mais altos no Planalto e Litoral.

Safra nacional⁵:

Milho primeira safra: a produção de 25,12 milhões de toneladas deverá ser 17,5% inferior à safra passada, resultado da redução de área e produtividade;

Milho segunda safra: redução de 5,9% na área (719 mil hectares), resulta numa estimativa de produção de 62,16 milhões de toneladas, apontando para uma retração de 7,8% em relação à safra anterior

China – Demanda e oferta de milho: A publicação China Food and Agribusiness Monthly (Rabobank), reporta em março dados de oferta e demanda de milho na China, o governo Chinês mantém níveis de subsídios para moinhos, de forma a garantir o nível de produção interna. O mercado espera que o programa de subsídios seja prorrogado aos processadores de milho e de etanol, mantém como produto estratégico. Depende com isto muito pouco de importação, diferentemente da soja.

Thousand tonnes	2015/16	2016/17e	2017/18f
Production	263,000	228,000	218,000
Import	3,174	2,000	3,000
Total supply	266,174	230,000	221,000
Food & wastage	15,690	15,600	15,500
Feed	123,000	141,000	150,000
Industry	55,000	64,000	73,000
Seed	1,540	1,500	1,480
Domestic consumption	195,230	222,100	239,980
Export	4	30	30
Total consumption	195,234	222,130	240,010

Source: Rabobank 2018

³ Informações do Sistema de Acompanhamento de Safras, Epagri/Cepa, 2015-2018.

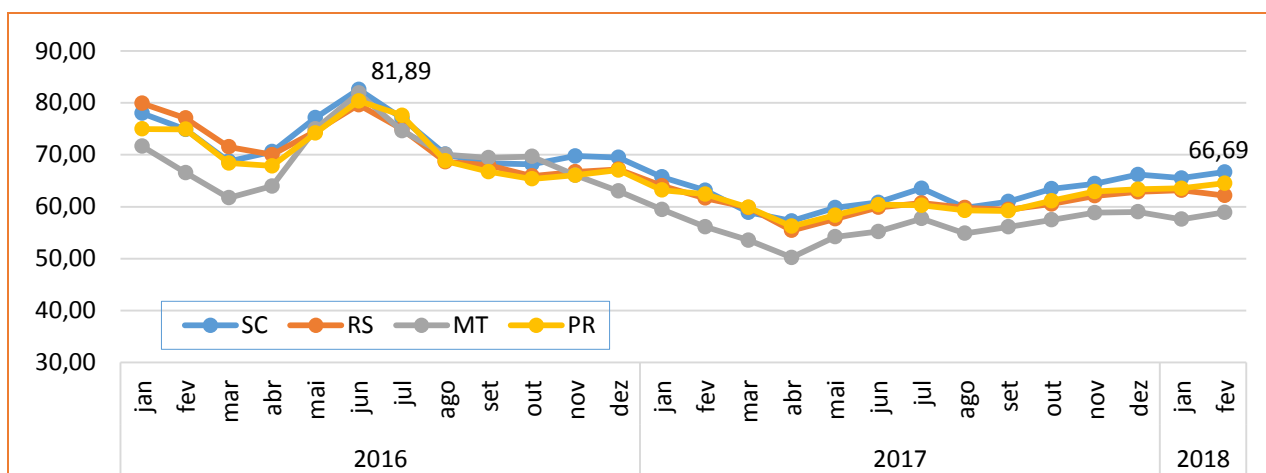
⁴ http://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2405&Itemid=141

⁵ Conab – Acompanhamento da safra brasileira de grãos, v. 5 - Safra 2017/18, n.6 -Sexto levantamento, março 2018.

Soja

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Em fevereiro a soja se manteve com os preços estabilizados, com leve recuo em algumas praças produtoras. Os preços nas principais praças dos estados produtores registrou em janeiro os valores R\$ 58,93, R\$ 64,32 e R\$ 62,18 (saca de 60kg) no Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, respectivamente. Em comparação com o mês de janeiro os preços tiveram reajuste em média nestes estados de 3,3%. No comparativo frente ao mesmo período (fevereiro de 2017), a variação média nos principais estados produtores (MT, PR e RS) foi de 3,7%. Em Santa Catarina os preços apresentaram o mesmo comportamento, com ligeira alta entre jan./2017 e fev. 2018, sendo de 1,17%, cotado em R\$ 66,69/sc.



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (MT, PR, RS).

Soja – Preço médio mensal de soja em grão ao produtor, MT, PR, RS e Santa Catarina – 2016 a fev 2018. Preços corrigidos IGPD, jan. 2018

A produção de Santa Catarina na safra 2016/17 foi de 2,4 milhões de toneladas em 658 mil hectares. Na Safra 2017/18, a estimativa atual de cultivo da leguminosa (fev/2018), confirma a crescente expansão em termos de área, há expectativa de incremento de 8,1% em relação a safra anterior, 2016/17, assim deverá alcançar 706 mil hectares e 2,5 milhões de toneladas (Tabela estimativa atual de área...). Esta área conquistada vem da redução de área do milho, de pastagens, fruticultura, feijão e outras culturas ao longo dos anos. Quanto ao rendimento (Kg/ha), há um indicativo de variação de -3,2% em relação safra anterior, apesar disso, a produção total do Estado deverá ser maior em 4,7% em função do aumento da área cultivada. Chuvas regulares a partir da segunda quinzena de dez/17 e durante janeiro apontaram expectativas de melhora no rendimento para a safra em curso, no entanto, estiagens localizadas e a incidência de “mofo branco”, doença causada pelo fungo *Sclerotinia sclerotiorum*, poderá ocasionar perdas em produtividade em algumas regiões do Estado, o que causa preocupação em especial em cultivos sucessivos soja/soja. As condições climáticas desde a segunda quinzena de dezembro 2017 favoreceram recuperação das lavouras, as primeiras lavouras colhidas estão indicando produtividade normal, com algumas perdas localizadas.

Fatores que influenciam mercado no momento:

Persistência da estiagem na Argentina, a Bolsa de Cereais do Departamento de Estimaciones Agrícolas⁶ reporta no seu relatório de 8 de março: “además de las pérdidas de rendimiento esta semana comenzamos a relevar importantes pérdidas de área. Bajo este nuevo escenario la proyección de producción cae a 42 MTn, una merma de 2 MTn respecto al informe previo y una caída interanual de 15,5 MTn (Prod. 2016/17: 57,5 MTn). Portanto, uma queda na produção de 15,5 milhões de toneladas em relação a safra anterior;

- Relatório de março divulgado no dia 8 de março, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), aumentou a estimativa para os estoques de soja dos Estados Unidos, fato que ocasionou surpresa no mercado, que esperava por um corte na projeção;

- Política protecionistas, recentemente anunciadas pelos Estados Unidos, podem repercutir nas relações comerciais entre China e USA, poderá redirecionar preferência pela compra da soja Brasileira. A curto prazo causa volatilidade nos preços das commodities;

- No Brasil, a evolução da colheita da nova safra começa a ganhar um ritmo melhor, revelando também produtividades ótimas na maior parte dos Estados. No geral, a boa safra brasileira é um fato, e o mercado deve dar maior atenção nas próximas semanas, acompanhando as condições climáticas.

Soja – Estimativa atual de área, rendimento e produção da safra 2017/18 e comparativo safra 2017/18

Microrregião	2016/17			2017/18 – Fev./ 2018			Est. atual/safra anterior (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	59.770	199.292	3.334	61.930	216.606	3.498	3,6	8,7	4,9
Canoinhas	127.100	485.670	3.821	140.300	500.480	3.567	10,4	3,0	-6,6
Chapecó	88.512	292.035	3.299	96.165	313.165	3.257	8,6	7,2	-1,3
Concórdia	5.617	20.309	3.616	6.142	23.098	3.761	9,3	13,7	4,0
Curitibanos	107.680	448.976	4.170	113.008	439.691	3.891	4,9	-2,1	-6,7
Ituporanga	7.690	30.174	3.924	7.740	27.688	3.577	0,7	-8,2	-8,8
Joaçaba	57.010	237.675	4.169	67.664	255.994	3.783	18,7	7,7	-9,3
Rio do Sul	3.935	13.709	3.484	4.015	14.072	3.505	2,0	2,6	0,6
São Bento do Sul	15.000	49.900	3.327	15.700	51.000	3.248	4,7	2,2	-2,4
São M. do Oeste	42.790	128.454	3.002	45.630	145.402	3.187	6,6	13,2	6,1
Xanxerê	138.650	491.408	3.544	148.160	522.050	3.524	6,9	6,2	-0,6
Santa Catarina	653.754	2.397.601	3.667	706.454	2.509.247	3.552	8,1	4,7	-3,2

Epagri/Cepa, Sistema Acompanhamento Safras, Fev./18.

Panorama regional:

Região Oeste: Nos municípios que representam as Microrregiões de Chapecó e Xanxerê e São Miguel do Oeste, as colheitas estão em andamento, muitos produtores realizaram aplicação de dessecantes, aproveitando tempo seco para antecipar colheita. Registro de 77% da área colhida em 15 de março, demais lavouras em fase de enchimento de grãos e maturação. Os trabalhos de colheita se intensificam com as

⁶ Bolsa de Cereais Departamento de Estimaciones Agrícolas, Panorama Agrícola Semanal, 8 de março, Buenos Aires.

baixas precipitações registradas nos últimos 15 dias na região. Rendimentos das lavouras mantendo o bom desempenho da safra anterior, registros de produtividade de 3.500-4.000 kg/ha em média.

Campos Novos, Curitiba e Caçador: De forma geral as lavouras estão sendo avaliadas como boas e ótimas. Em algumas áreas, municípios, está havendo ocorrência forte do "mofo branco ou Sclerotinia"...doença causada pelo fungo *Sclerotinia sclerotiorum*, apresenta alto potencial de prejuízo à cultura da soja que se tratado preventivamente não traz grandes perdas, mas não é o caso este ano, está ocorrendo em áreas novas, possivelmente nestas áreas mais afetadas teremos quebra de produção. Muitas áreas já estão em maturação com colheita estimada para segunda dezena de março;

Campos de Lages: Relato de chuvas insuficientes em janeiro na região, poderá comprometer a produtividade esperada. Maior parte das lavouras se encontram na fase de enchimento de grãos no momento, 10-15 março. Segundo relatos de técnicos de Cooperativas, principal fator que afetará a produtividade da soja não será o período de estiagem, mas sim, o período de dias nublados que ocorreu no início do ciclo, que determinou a perda de folhas da região do baixeiro das plantas, afetando principalmente o tamanho de grãos, a estimativa inicial de perda de produtividade está em torno de 5% com tendência a subir. A colheita está prevista para a segunda quinzena de abril. Condições climáticas nos próximos 30 dias será decisivo na consolidação da produção nesta região, caso confirme esta posição, as estimativas serão corrigidas no próximo relatório.

Região Norte (Canoinhas, Mafra): A maior parte das lavouras se encontram em fase de enchimento de grãos/maturação (90%), em torno de 10% colhido. A regularização climática aponta para safra normal, mesmo que tenhamos estimativa com índices de produtividade um pouco inferior a safra passada, cabe lembrar que a safra anterior foi excelente em termos de série histórica de acompanhamento de safra. Em janeiro chuvas mais volumosas acarretaram incidência de "mofo branco" em algumas lavouras, mas com controle. Estabilidade climática no início de março, com poucas chuvas estão favorecendo início dos trabalhos de colheita.

Estado: No geral, as lavouras se encontram em boas condições de desenvolvimento até o momento (10 de março) entorno de 26% da área colhida na média do Estado. Nas demais áreas, as lavouras estão em fase enchimento de grãos e maturação. Problemas pontuais de estiagem na região de Campos de Lages e ocorrência de "mofo branco" em outras poderá indicar rendimentos um pouco inferior frente a safra anterior (em torno de - 3% - Tabela estimativa atual Soja), no entanto, em função do crescimento da área cultivada, a produção total do Estado deverá apresentar crescimento de 4,7% frente safra anterior.

Brasil: Após sucessivas safras com aumentos na produção de soja, observa-se, na projeção para a safra 2017/18 uma pequena diminuição na produção. A produção da safra 2016/17 foi calculada em 114 milhões de toneladas, já para a safra 2017/18 existe a projeção de 113,02 milhões de toneladas, um decréscimo de 0,9%⁷.

⁷ Conab – Acompanhamento da safra brasileira de grãos, v. 5 - Safra 2017/18, n.6 - Sexto levantamento, março 2018

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

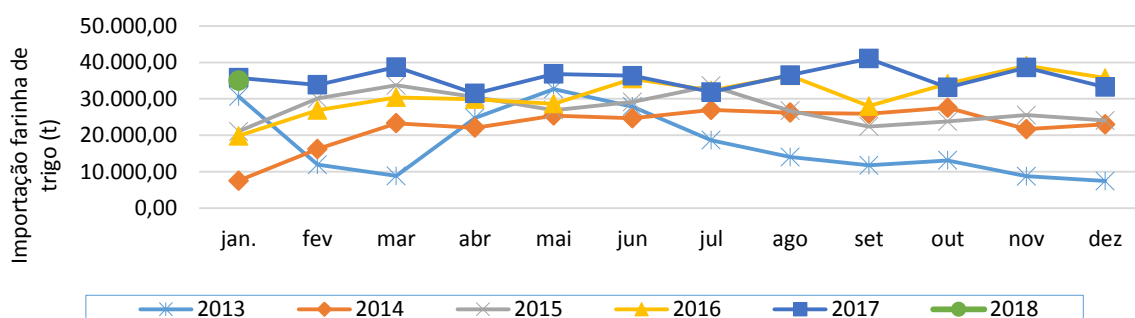
Expectativa quanto a intensão de plantio de trigo para a safra 2018/19

Os estoques mundiais de trigo continuam em alta. Segundo o relatório de fevereiro/2018 do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) deveremos ter nesta safra um incremento de 5,34% nos estoques de passagem em relação à safra passada. O relatório registra que na safra 2017/18 serão 266,1 milhões de toneladas, contra os 252,6 milhões de toneladas de estoques da safra 2016/17. Quanto a produção mundial, o mesmo relatório aponta que ela deverá crescer cerca de 1,04% em relação à temporada passada. Para esta safra, a expectativa é que sejam produzidas cerca de 758,2 milhões de toneladas, com os 750,4 milhões de toneladas produzidas na safra 2016/17. A área mundial colhida declinou nesta safra, com redução na ordem de 0,8%. Na safra 2017/18 foram cultivados 219,8 milhões de hectares contra os 221,6 milhões de hectares colhidos na safra 2016/17.

Diante desse cenário, as perspectivas em relação à melhoria de preços aos produtores não são muito otimistas para a próxima safra. Assim como nos Estados Unidos, no Brasil a área de trigo vem perdendo espaço, seja pela baixa rentabilidade da atividade nos últimos anos, seja pela perda de área para outros grãos. Por outro lado, o aumento da área cultivada com segunda safra de milho (safrinha de milho) nos estados do Paraná e Mato Grosso do Sul e na região Sudeste, vem pressionando as áreas destinadas para o cereal de inverno. Para esta safra de inverno que se avizinha, o trigo pode ser uma boa alternativa caso a colheita de soja atrase ainda mais e o produtor conclua que não haja tempo para que o milho safrinha complete seu ciclo.

Em relação às importações, a Argentina vem a cada ano ganhando mais espaço na pauta de importações brasileiras, seja de trigo grão, seja de farinha e derivados. Com isso, o trigo americano vem perdendo espaço. No cenário internacional, a Rússia, que tem obtido safras recordes nos últimos anos, vem consolidando sua trajetória de se tornar o exportador número um do mundo. Isso desafiou a participação de mercado dos EUA em muitos mercados no mundo. A Argentina, que acaba de colher outra boa safra, tem atuado no mercado com preços competitivos e avançado sobre mercados mundiais tradicionalmente dominados pelo trigo americano, em particular na África e no Sudeste Asiático. Em resumo, a oferta mundial de trigo é abundante e a participação dos EUA no comércio global está caindo. Com o consumo mundial crescendo 1,08% nesta safra em comparação com a temporada passada, sobretudo nos países em desenvolvimento, o comércio internacional do cereal tem alcançado níveis recordes, proporcionando um excelente cenário para os países fornecedores de trigo.

Para a última safra de trigo colhida, a Conab estimou uma produção de 4,3 milhões de toneladas, para um consumo de 11,3 milhões de toneladas. Com isso, a Companhia prevê que deveremos importar mais de 7,0 milhões de toneladas de trigo, o que representa cerca de 62% do nosso consumo. Uma amostra dessa tendência é o crescente aumento no volume de importações brasileiras de farinha de trigo. Em 2017 houve um incremento de 10,4% em relação a 2016. Já no primeiro mês de 2018, o país importou cerca de 35,0 mil toneladas de farinha de trigo, com Santa Catarina sendo responsável por cerca de 17,0% desse volume, perdendo apenas para o Paraná (27,8%) e São Paulo (17,2%).



Fonte: Secex/MIDC

Farinha de trigo – Evolução mensal das importações - Brasil (2013 – jan./2018)

No mercado balcão, o preço da saca de 60kg do trigo grão pago ao produtor teve ligeira queda na comparação entre os meses de janeiro e fevereiro para os principais estados produtores. Em Santa Catarina houve redução de 0,42%, no Paraná queda de 0,20%, no Rio Grande do Sul diminuição de 0,47% e em São Paulo alta de 3,23%. No nosso estado, na comparação entre os meses janeiro de 2016 e de 2017, os preços praticados atualmente estão 2,91% menores do que aqueles praticados há um ano. A tendência para os próximos meses é de mercado sem grandes alterações.

Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2017/18 – R\$/saca de 60kg

Estado	Jan./18	Fev./18	Variação mesal (%)	Jan./17	Variação anual (%)
Santa Catarina	33,14⁽¹⁾	33,00	-0,42	33,99⁽¹⁾	-2,91
Paraná	34,25	34,16	-0,20	31,68	7,83
Rio Grande do Sul	29,96	29,82	-0,47	28,56	4,41
São Paulo	38,64	39,89	3,23	36,72	8,63

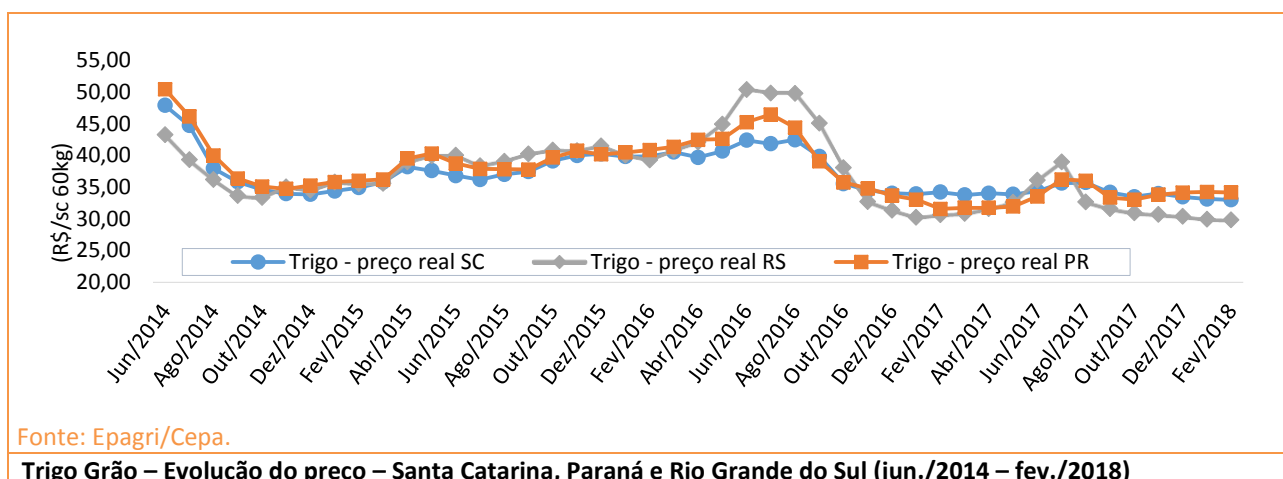
Nota: SC e PR - Trigo Pão PH78, RS e SP - Trigo em Grão Nacional.

⁽¹⁾ valor estimado

Fonte: Epagri/Cepa(SC), SEAB/Deral(PR), Agrolink(RS e SP).

Analisando-se o comportamento dos preços da safra 2013/14 até a safra 2017/18, já concluída, podemos observar uma nítida tendência de baixa para os preços pagos aos produtores em Santa Catarina. Com os preços corrigidos pelo IGP-DI, podemos observar que, mesmo descontada a inflação ao longo da série analisada, fica evidente a perda crescente dos valores recebidos pelos produtores de trigo. Somos tradicionais compradores de trigo do mercado externo e, nos últimos anos, especialmente do mercado Argentino. Como o trigo é uma *commodity*, para que o produtor brasileiro tenha uma melhor remuneração pela sua produção, deverá contar com a elevação do dólar, aspecto que favorecerá o produtor brasileiro e catarinense, na medida em que os compradores brasileiros certamente darão prioridade para compras de trigo de boa qualidade no mercado interno.

Segundo dados do Cepea, tudo indica que para o primeiro semestre de 2018 haverá uma melhora dos preços para o segmento de farinhas, justificada pela necessidade de repasse de custos, sejam eles de produção, aquisição e transporte. Ainda no primeiro semestre, em função do crescimento nos setores de bovinocultura de leite e pet poderá haver uma melhoria nos valores do derivado do trigo (farelo de trigo). Porém, esta situação deverá se inverter no segundo semestre de 2018, na medida em que o farelo de trigo concorre com o milho, ofertado em maiores volumes no segundo semestre com a colheita da safrinha de milho.



Neste mês de março estamos fazendo o fechamento das safras de inverno. No que se refere ao trigo, nossa estimativa final para a safra 2017/18 indica que foram colhidas cerca de 128,6 mil toneladas de grão, numa área de aproximadamente 53,2 mil hectares. A produtividade média ficou em torno de 2.417 kg/ha, rendimento 27% menor do obtido na safra passada. Em todas as importantes microrregiões produtoras do Estado houve variação negativa na estimativa de área plantada, com destaque para Canoinhas (-36%), Chapecó (-16%), Joaçaba (-28%), Curitibaanos (-29%) e Xanxerê (-9%). Quanto à produção estadual de trigo em comparação à safra passada, em função da estiagem que atingiu as principais regiões produtoras no mês de julho/2017 nossos levantamento apontam redução na ordem de 44%. Com relação a um prognóstico para a safra 2018/19, que no Estado tem o plantio concentrado entre os meses de maio e junho, acreditamos que seja prematuro falar em números, mas a expectativa é que se mantenha a área cultivada, mas com melhoria nas produções e rendimentos.

Trigo Grão – Comparativo safra 2016/17 e Estimativa atual safra 2017/18

Microrregião	Safra 2016/17			Estimativa atual Safra 2017/18			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Campos de Lages	1.700	6.030	3.547	540	1.150	2.130	-68	-81	-40
Canoinhas	14.900	54.474	3.656	9.580	27.957	2.918	-36	-49	-20
Chapecó	16.610	46.491	2.799	14.030	34.722	2.475	-16	-25	-12
Concórdia	622	1.742	2.800	915	2.246	2.455	47	29	-12
Curitibaanos	10.648	44.486	4.178	7.510	16.002	2.131	-29	-64	-49
Ituporanga	1.585	4.128	2.604	505	1.054	2.086	-68	-74	-20
Joaçaba	4.790	18.590	3.881	3.440	7.512	2.184	-28	-60	-44
Rio do Sul	445	1.045	2.348	225	485	2.156	-49	-54	-8
São Bento do Sul	250	843	3.372	150	357	2.383	-40	-58	-29
São M. do Oeste	2.295	7.325	3.192	2.507	6.511	2.597	9	-11	-19
Xanxerê	15.175	43.719	2.881	13.795	30.570	2.216	-9	-30	-23
Outras ⁽¹⁾	68	180	2.647	20	36	1.800	-71	-80	-32
Santa Catarina	69.088	229.052	3.315	53.217	128.602	2.417	-23	-44	-27

⁽¹⁾ Safra 2016/17: dados das MRG de Tijucas, Tabuleiro e Blumenau. Safra 2017/18: dados da MRG de Blumenau.

Fonte: Epagri/Cepa (Fevereiro/2018).

Hortalças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Comercialização em ritmo lento e preço baixa

A colheita da safra catarinense de alho 2017 foi finalizada. Os produtores estão no período de beneficiamento e acondicionamento do produto para a comercialização, cujo volume é oriundo de aproximadamente 2.500ha de área plantada (Epagri/Cepa/2017).

O Estado de Santa Catarina participou com aproximadamente 22% da área de produção no Brasil na safra 2017, segundo dados do IBGE. Em relação à safra anterior, o Estado teve um incremento de 20% na área plantada, impulsionada, especialmente, pelos bons resultados econômicos e produtivos da safra 2016/2017.

Em Santa Catarina, a hortalça é produzida basicamente por agricultores familiares, que utilizam pequenas áreas e essencialmente mão-de-obra familiar. Nos picos de demanda de trabalho é usada mão-de-obra local contratada ou mesmo vinda de diversas regiões do país. Dentre outras, estas características da produção catarinense de alho refletem o nível de importância socioeconômica da cultura para o estado.

Como já registrado anteriormente, a safra que ora está sendo comercializada teve seu ciclo de desenvolvimento produtivo afetado, em períodos críticos para a cultura, pela falta de chuvas, ocasionando déficit hídrico nas lavouras. Como reflexos destas condições, o produto apresenta maior percentagem de bulbos de menor calibre, embora de muito boa qualidade sanitária, com coloração intensa e boa textura. Dentre outras consequências, os produtores tiveram significativo aumento nos custos de produção, em função da necessidade de intensificar o uso da irrigação.

Em relação a conjuntura geral de mercado, a oferta está em alta, o que, aliada à queda dos preços internacionais, ocasionou redução dos preços pagos aos produtores. Neste sentido, a dinâmica de comercialização da safra catarinense enfrenta pouca movimentação de negócios nas últimas semanas.

As informações coletadas a campo pelos nossos agentes de mercado e técnicos da extensão rural junto a diversos parceiros e cooperativas de comercialização, mostram que os preços pagos aos produtores caíram em relação ao mês passado. Os preços pagos aos produtores ficaram R\$ 1,00/kg abaixo da classe (Ex.: alho classe 5,00 - seu preço ficou em R\$ 4,00/Kg e assim por diante). Quando os produtores realizam a comercialização via organização cooperativa, esse patamar passa para R\$ 1,00 acima da classe (no caso de alho classe 5, o preço atingiu R\$ 6,00/Kg).

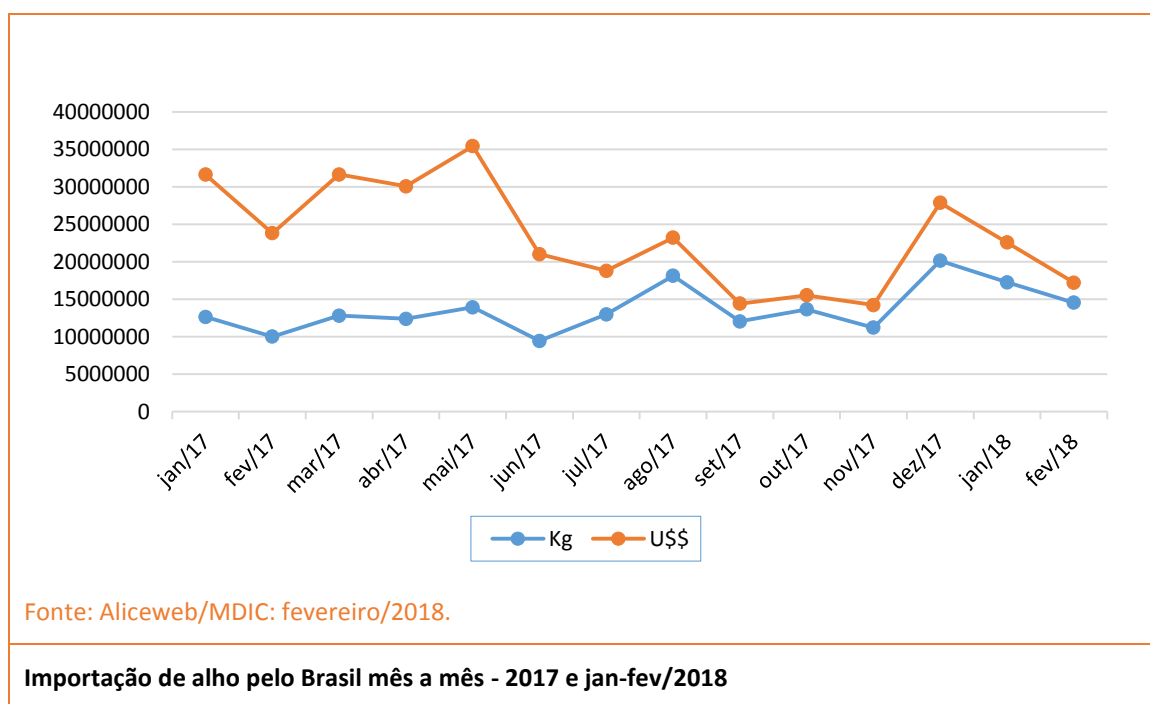
Este quadro é totalmente diferente do enfrentado na safra anterior. De certo modo, esta situação de aumento da oferta estava sendo sinalizada, considerando as informações disponíveis em relação à produção brasileira e dos principais países produtores e exportadores do produto, especialmente no que concerne ao aumento da área plantada e condições de clima mais favorável em alguns países, como na China, que na safra anterior enfrentou forte estiagem.

As importações de janeiro a dezembro de 2017 foram de 159,20 mil toneladas, contra um volume de 172,97 mil toneladas em 2016, representando uma queda de 8% no período. Por outro lado, ao compararmos os valores dos meses de janeiro e fevereiro dos últimos 03 anos (Tabela 01), percebe-se que neste ano a importação de alho tende a se aproximar do volume e comportamento do ano de 2016. Isto é, começamos o ano com volume internalizado maior em relação ao ano de 2016, quadro que demonstra a conjuntura de um mercado bastante ofertado nesse período, determinando dificuldades importantes aos produtores nacionais.

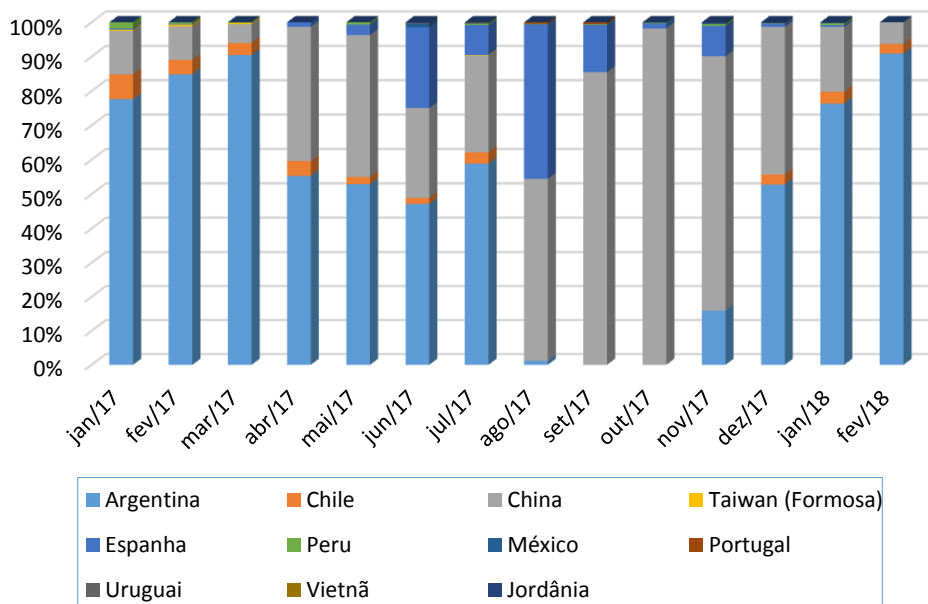
É importante destacar que no primeiro bimestre deste ano, em relação ao mesmo período de 2017, foram internalizadas 9,14 mil toneladas a mais, significando um incremento de 40,39%. Conforme a mesma tabela, percebe-se que, desde agosto de 2017 até o momento, há um crescimento significativo do volume importado, quando comparado mês a mês em relação ao ano de 2016. Esta conjuntura é proporcionada pela maior oferta mundial do produto e a consequente redução dos preços internacionais em relação a safra anterior.

O preço médio por kg de alho internalizado no mês de fevereiro de 2018 foi de US\$ 1,18/kg, representando queda de 9,07% em relação a janeiro/17, quando o preço foi de US\$ 1,30/kg.

A internalização do alho importado, cujo volume foi de 14,53 mil toneladas no mês de fevereiro/18, teve um valor total registrado de US\$ 17,20 milhões, conforme pode ser visto no Gráfico 01, abaixo.



Na figura abaixo apresentam-se os países fornecedores de alho ao Brasil. No mês de fevereiro de 2018 o principal fornecedor foi a Argentina, com 13,20 mil toneladas, perfazendo 90,84 % do total do alho importado, seguido da China, com 0,92 mil toneladas, atingindo 6,33%. O restante do produto, 2,83%, foi fornecido pelo Chile.



Fonte: Aliceweb/MDIC: março/2018.

Participação (%) dos países fornecedores de alho ao Brasil mês a mês 2017 e jan/fev 2018

No sentido de mostrar um conjunto de informações que permitam comparações dos últimos dois anos, em 2016 a internalização das 172,97 mil toneladas de alho apresentou um custo de US\$ 328,51 milhões, contra US\$ 287,52 milhões em 2017, com a importação de 159,20 mil toneladas. Estes dados mostram que o custo médio registrado por quilo baixou de US\$ 1,89/kg em 2016 para US\$ 1,80/kg no ano de 2017. Nos dois primeiros meses de 2018, o custo médio registrado por kg de alho importado foi de US\$ 1,18. Estes dados demonstram que ocorreu queda significativa nos preços internacionais, ou seja 41,79% no comparativo de 2016 com 2018 e 34,44 % comparando-se 2016 com o início de 2018.

Esse cenário mostra uma tendência forte de que o mercado brasileiro pode continuar apresentando dificuldades aos produtores nacionais.

Brasil - Importações de alho – 2016-18 (mil t)

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
2016	17,01	16,80	16,73	15,43	14,08	15,92	19,95	15,89	11,87	6,03	9,06	14,20	172,97
2017	12,63	10,00	12,79	12,38	13,90	9,43	12,97	18,12	12,02	13,64	11,20	20,12	159,20
2018	17,24	14,53	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	31,77

Fonte: Aliceweb/MDIC: fevereiro/2018.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandgugel@epagri.sc.gov.br

Comercialização – Após subida, preços ao produtor caem em SC

O estado de Santa Catarina, mesmo com as dificuldades enfrentadas na safra 2015/16, mantém a posição de maior produtor nacional de cebola, com área plantada acima dos 20 mil hectares. Esta posição é fruto dos avanços tecnológicos, estrutura das unidades produtoras e da cultura e conhecimento dos agricultores familiares de nosso Estado.

A colheita da safra 2017/18 da cebola catarinense foi finalizada em todas as regiões de importância para a cultura.

Tradicionalmente, a safra catarinense é comercializada até os meses de abril/maio, com alguma extensão deste período para os meses seguintes, a depender do volume ofertado e de alguns fatores relacionados, especialmente ao mercado, como importações e o consumo. Com volume de produção e oferta da hortaliça menor na presente safra em relação à safra passada, a comercialização tende a ser encerrada mais cedo que a anterior, em que Santa Catarina ofertou cebola até os meses de julho/agosto.

A produção estadual desta safra foi atingida pela falta de chuvas em período crítico do desenvolvimento da cultura. Embora a boa estrutura de irrigação presente em grande número de propriedades, essa condição climática afetou importantes aspectos produtivos. A principal consequência foi a maior presença de bulbos de menor diâmetro (caixa 2), que normalmente tem menor preço no mercado.

Como relatado no boletim anterior, a implantação da Letec, conforme resolução de 05/12/17 da Camex/MDIC, tende a impulsionar positivamente a cadeia produtiva da cebola no Brasil nos próximos anos, cuja taxa das importações da hortaliça oriunda de países não pertencentes ao Mercosul foi fixada em 25% para o ano de 2018, 20% para o ano de 2019 e 15% para o ano de 2020. Nesse sentido, os anos em que a “proteção” da produção no Brasil estiver em vigor, exigirão que os produtores e os principais atores da cadeia produtiva consigam implementar as mudanças estruturais, inovações e avanços tecnológicos necessários para atingir novos patamares de eficiência econômico-produtiva para, então, poder fazer frente aos desafios de um mercado cada vez mais competitivo.

Em relação ao preço pago aos produtores, nas regiões de Ituporanga e Rio do Sul, centro da produção da cebola catarinense, após alcançar o patamar de até R\$ 1,50/Kg, nas últimas semanas houve queda no preço, com mercado lento e com poucos negócios. Nessa semana, o preço ao produtor ficou entre R\$ 1,00/Kg e R\$ 1,10/Kg, tanto no Alto Vale do Itajaí quanto na região de Lebon Régis.

Segundo o acompanhamento da Epagri/Cepa, a comercialização da safra catarinense já atingiu aproximadamente 70% da produção.

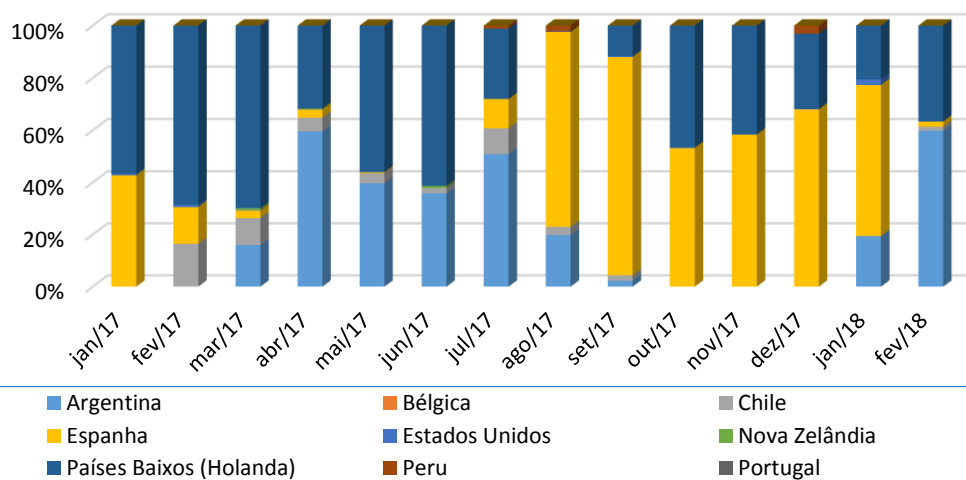
Quanto ao mercado nacional, após subida forte dos preços pagos ao produtor no mês de fevereiro e primeira semana de março, a conjuntura é de redução de preços pago aos produtores.

O início da entrada de cebola argentina, a retomada da vinda de cebola holandesa, embora em volumes não tão expressivos e mais alguma oferta de cebola nordestina, influenciou a dinâmica de mercado para recolocar os preços em patamares menores.

Na Ceagesp, maior central nacional de abastecimento, a hortaliça (bulbo médio) foi comercializada nas últimas semanas com preços variando de R\$ 1,90 a R\$ 2,12, preço no atacado, ainda não refletindo a queda de preço a nível de produtor.

Na Ceasa/SC, os preços no atacado nesta semana, para a cebola classe 3, atingiram patamares de R\$ 1,50/Kg a R\$ 1,58/Kg, redução de 16% a 21% em relação a primeira semana de fevereiro.

No tocante a importação de cebola para o Brasil, no mês de fevereiro a entrada foi comandada pelas cebolas argentina e holandesa, como pode ser visto no Gráfico 1. Em relação ao volume internalizado, enquanto no mês de janeiro a entrada de cebola foi de apenas 417,35 toneladas, no mês de fevereiro o volume foi de 6,549 mil toneladas. O valor dispendido com as importações no mês de fevereiro foi de US\$ 1,625 milhão, contra US\$ 0,201 milhão gastos no mês de janeiro/18.

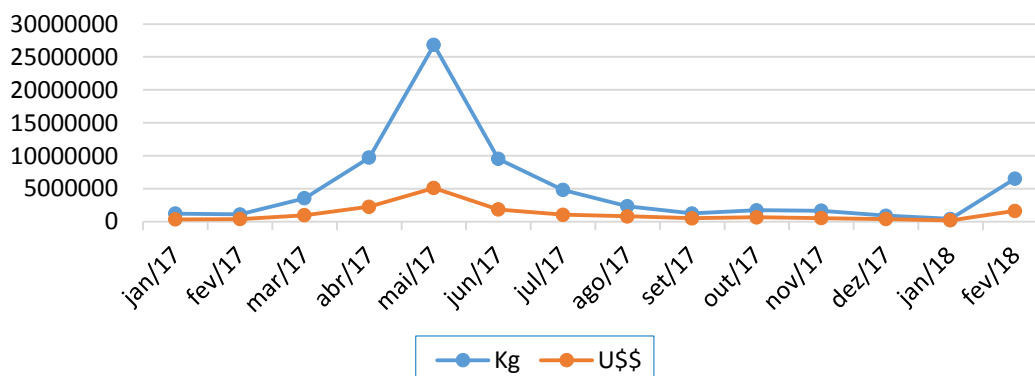


Fonte: Aliceweb/MDIC – março/2018.

Participação (%) dos Países fornecedores de cebola ao Brasil - Mês a Mês

O total das importações de cebola pelo Brasil no ano de 2017 foi de 64,698 mil toneladas, com um custo de US\$ 14,959 milhões, representando uma importação média mensal de 5,391 mil toneladas e um dispêndio médio mensal de divisas na faixa de US\$ 1,25 milhão.

Os números de fevereiro/18, após um janeiro com volume extremamente baixo, mostram aumento do volume importado e aproximando-se dos patamares médios do ano de 2017.

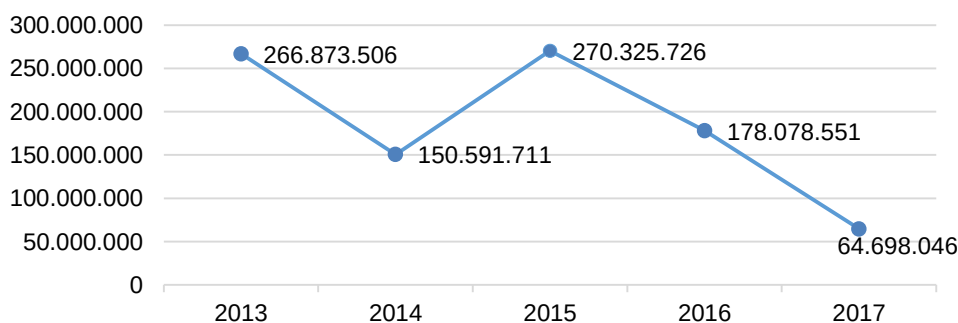


Fonte: Aliceweb/MDIC – março/2018.

Importação de cebola pelo Brasil mês a mês - 2017 e jan/fev - 2018

O mercado brasileiro de cebola tem relação direta com o volume da produção interna, sua relação com o fluxo sazonal das importações e montante internalizado da hortaliça. Nesse sentido, as importações do mês de fevereiro/18 apresentam um comportamento singular em comparação ao mesmo mês do ano de 2017. Isso pode não significar tendência, mas como já temos a LETEC em vigor desde dezembro de 2017, devemos observar o que vai ocorrer nos próximos períodos.

No gráfico abaixo, para efeito de registro e visualização do comportamento desse mercado no período considerado (2013 a 2017), registra-se queda importante nas importações da hortaliça para o Brasil.



Fonte: Aliceweb/MDIC – fevereiro/2018.

Brasil - importação anual de cebola – 2013-17 (em kg)

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br

Mais uma vez a cadeia produtiva de carnes é sacudida por uma ação policial em pleno mês de março. Em 2017, a deflagração da Operação Carne Fraca e a espetacularização midiática criada em torno desse fato lançou o setor, que vinha tentando se recuperar das dificuldades pelas quais passara no ano anterior, numa crise de proporções ainda hoje desconhecidas. Não obstante os impactos agudos imediatos e alguns efeitos de médio prazo difíceis de dimensionar isoladamente, no início deste ano parecia que as piores consequências daquela ação haviam sido superadas.

Contudo, em 05 de março do corrente ano, a deflagração da Operação Trapaça (um desdobramento da Operação Carne Fraca) trouxe de volta uma série de preocupações que assolaram o setor nos meses anteriores. Segundo noticiado pela imprensa, a referida operação visava apurar indícios de adulteração de laudos emitidos por laboratórios privados credenciados junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Um dos principais alvos da operação seriam fraudes nos resultados de análises laboratoriais relacionadas ao grupo de bactérias *Salmonella* spp. A presença desse tipo de bactéria na carne de frangos é comum, já que as mesmas fazem parte da flora intestinal das aves. Contudo, a utilização de procedimentos adequados no preparo da carne minimiza os riscos relacionados ao consumo, uma vez que a *Salmonella* é destruída quando submetida a temperaturas elevadas. Além disso, dentre os mais de dois mil sorovares (variedades de *Salmonella*), apenas dois são efetivamente preocupantes para a saúde humana.

Há níveis de tolerância para a presença de bactérias do tipo *Salmonella* na carne das aves (20% das amostras com presença do patógeno). Contudo, alguns mercados, como é o caso da Europa, apresentam níveis de tolerância mais restritos. Uma das supostas fraudes promovidas pelos laboratórios investigados seria justamente adulterar os resultados dos exames para garantir que os mesmos estivessem adequados aos níveis de tolerância desses mercados mais rigorosos.

A Operação Trapaça investiga irregularidades em três unidades de abate de aves da empresa BRF: Carambeí (PR), Mineiros e Rio Verde (GO). Além disso, também é investigada uma indústria de rações localizada em Chapecó (SC). Apesar de tratarem-se de casos pontuais, a falta de informações detalhadas e a repercussão dada ao caso coloca novamente em xeque toda a cadeia produtiva de carnes do país, pondo em risco a credibilidade construída ao longo das últimas décadas (e já abalada pela Operação Carne Fraca).

Como resultado imediato, foram suspensas as exportações dos frigoríficos envolvidos para os destinos onde são exigidos requisitos sanitários específicos de controle da *Salmonella*. Além disso, diversos países ou blocos já solicitaram ao governo brasileiro maiores esclarecimentos acerca da operação. É o caso da União Europeia, Hong Kong, Japão, Egito, Chile e Ucrânia. Por enquanto não há anúncio de suspensão das importações por parte de nenhum país. Contudo, novamente é difícil dimensionar o alcance e os impactos dessa operação para o setor no médio e longo prazos.

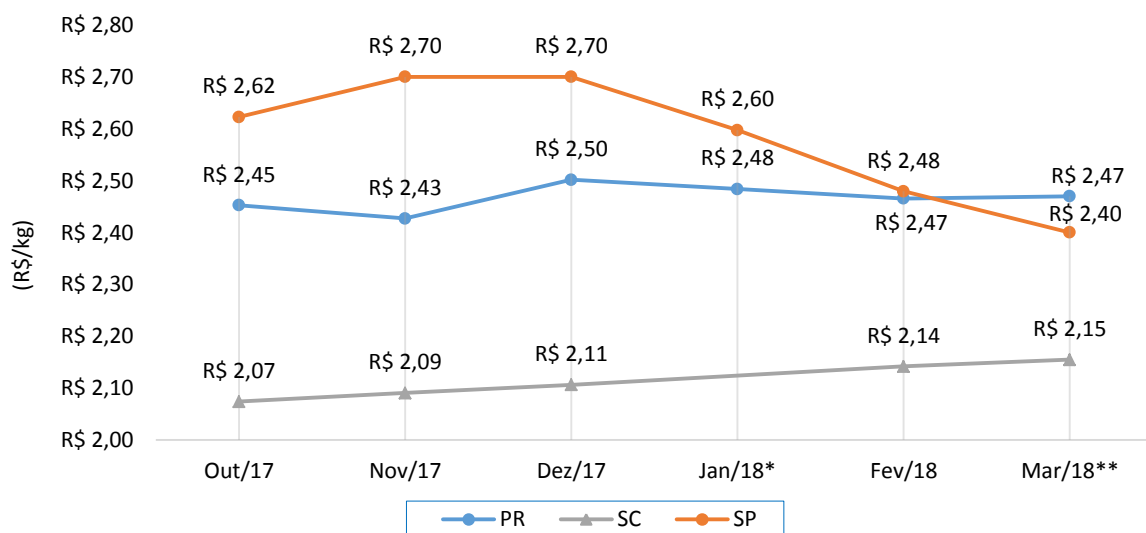
Não obstante a Operação Trapaça e seus possíveis desdobramentos, até o momento não houve alterações significativas nas tendências que vinham sendo observadas nos dois meses anteriores e os preços do frango vivo seguem demonstrando comportamentos distintos de acordo com o estado. Evidentemente, o tempo transcorrido entre a deflagração da operação e a finalização deste boletim é excessivamente exíguo para que se estabeleçam avaliações conclusivas, sendo necessário monitorar o mercado durante os próximos meses.

No Paraná o preço do frango vivo se mantém praticamente inalterado, com pequena oscilação positiva de 0,17% no preço preliminar de março, na comparação com fevereiro. Vale lembrar que em janeiro e fevereiro observaram-se variações negativas, mas também pouco expressivas (-0,72% e -0,73%, respectivamente).

Já em Santa Catarina, segue o movimento de alta registrado a partir de agosto de 2017, mês em que se atingiu o menor valor nominal dos últimos dois anos. Até o momento o preço de março é 0,60% superior ao mês anterior. A alta acumulada desde agosto do ano passado é de 5,25%, valor relativamente pequeno, mas bastante significativo diante das dificuldades vivenciadas pela avicultura nos últimos meses.

As maiores variações são registradas em São Paulo, onde os preços vêm apresentando quedas consecutivas desde o início deste ano. Em relação a fevereiro, o preço preliminar de março caiu 3,20%. Desde dezembro acumula-se queda de 11,11% naquele estado.

Na comparação com os preços praticados em março de 2017, a diferença é mais expressiva: -4,34% no Paraná, -9,60% em Santa Catarina e -11,26% em São Paulo. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,84% (IPCA/IBGE).



(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

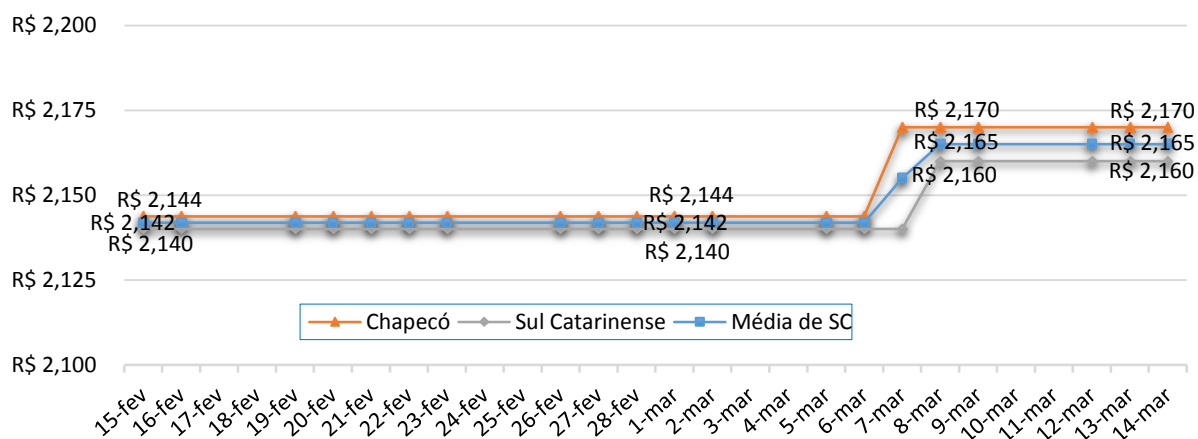
* Não há dados de Santa Catarina para o mês de janeiro/2018. Nos demais meses utilizou-se os preços médios mensais da praça de referência de Chapecó.

** Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mar./2018.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – 2017/2018

Em Santa Catarina os preços mantiveram-se estáveis nas duas regiões de coleta de dados durante o mês de fevereiro, não sendo registradas alterações. No início de março, por sua vez, foram registradas variações nos preços diários tanto em Chapecó quanto no Sul Catarinense: 1,23% e 0,93%, respectivamente. Com isso, a média estadual subiu 1,08%.



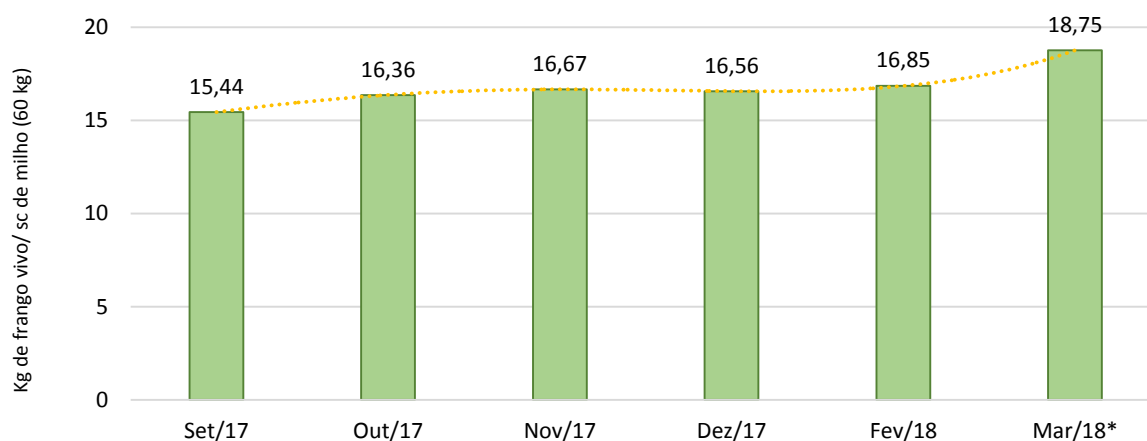
(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Fonte: Epagri/Cepa.

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ diário para avicultores de duas regiões de Santa Catarina e média estadual – 15/fev. a 14/mar./2018

Em fevereiro o Índice de Custos de Produção do Frango (ICPFrango), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, aumentou 3,89% em relação ao mês anterior. No ano, esse indicador acumula alta de 5,04%, principalmente em função da elevação nos custos com alimentação (+4,05% no ano). Os pintos de um dia também contribuíram para esse aumento (+0,96% no ano). Nos últimos 12 meses, a variação acumulada do ICPFrango foi de 2,37%.

Apesar da elevação no preço do frango vivo na praça de Chapecó, a relação de equivalência insumo/produto sofreu um aumento significativo de 11,28% na comparação entre março e fevereiro, principalmente em função da variação registrada no preço do milho. O aumento em relação a março de 2017 é ainda mais significativa: 39,92%.



Para cálculo da relação de equivalência insumo/produto utiliza-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro/2018.

* Os valores de março são preliminares, relativo ao período de 1 a 14/mar./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2017/2018

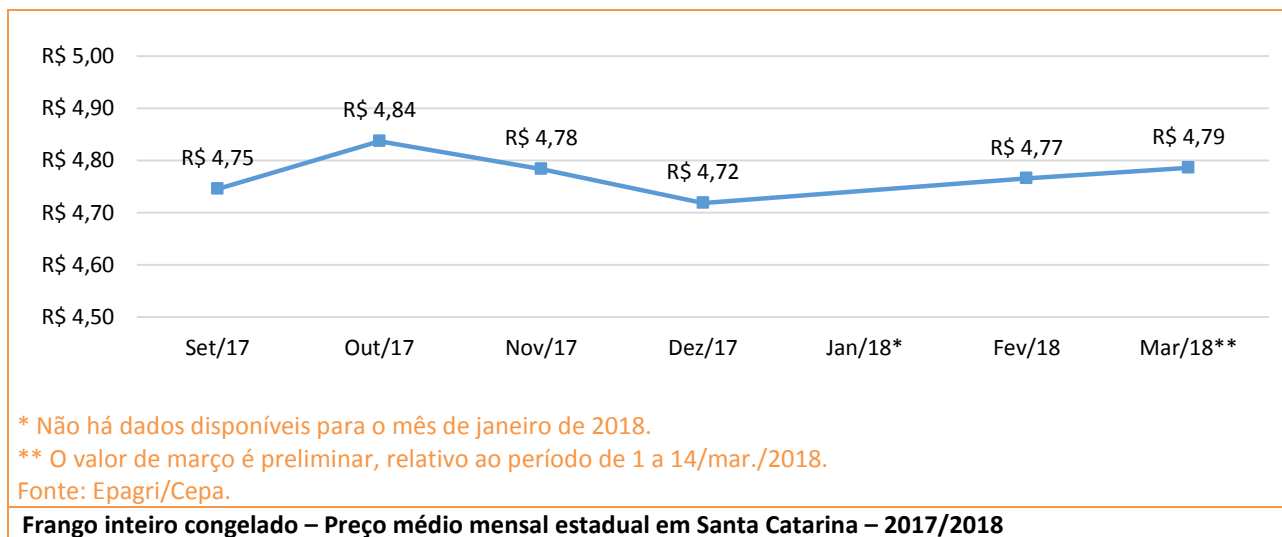
Em março a saca de milho no atacado atingiu o valor de R\$40,50 na região de Chapecó (média mensal preliminar), 12,10% acima da média do mês anterior. Esse preço está 27,92% maior que aquele praticado em março do ano passado, mas 7,95% abaixo do valor do mesmo mês de 2016 (ano em que se registrou uma “crise do milho”). O aumento expressivo no preço do milho nas últimas semanas está associado à piora na perspectiva da safra nacional, às dificuldades para escoamento da safra da Região Centro-Oeste e às incertezas no mercado internacional, em especial quanto à safra argentina.

Conforme divulgado pela Conab (6º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2017/18), há estimativa de redução significativa na produção de milho na atual safra em relação à anterior. A 1ª safra deve ser 17,53% menor (em fevereiro estimava-se queda de 18,77%), enquanto a 2ª safra deve apresentar redução de 7,75% (contra 5,58% na estimativa de fevereiro). Com isso, a safra total deverá ser de 87,28 milhões de toneladas, o que representa uma queda de 10,80% em relação ao ano anterior (esse percentual era de -9,69% no relatório de fevereiro).

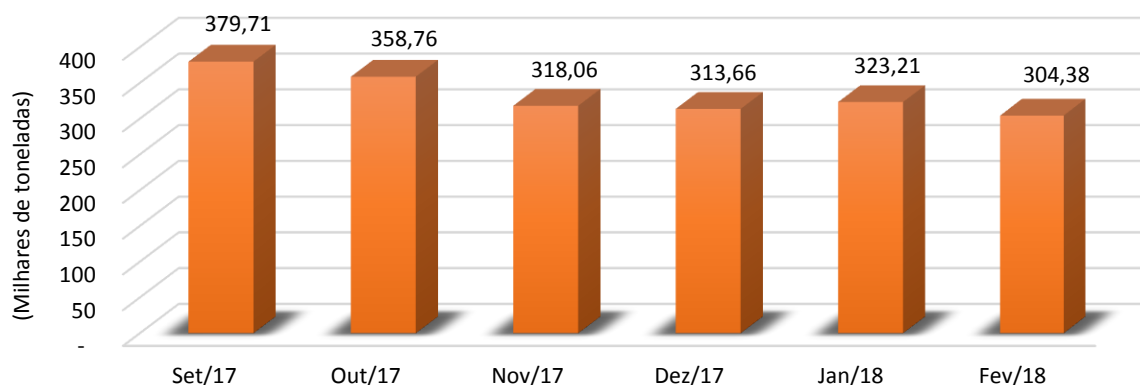
Em Santa Catarina também são esperadas reduções significativas. Segundo estimativas da Epagri/Cepa, a 1ª safra deve ser de 2,4 milhões de toneladas, queda de 23,82% em relação ao ano anterior.

Em contraposição ao movimento de alta do frango vivo, no mercado atacadista predomina a tendência de queda. Os dados levantados pela Epagri/Cepa demonstram que três dos quatro cortes acompanhados apresentam variações negativas em março (média preliminar), quando comparados ao mês anterior: peito com osso congelado (-2,30%), filé de peito congelado (-3,13%) e coxa/sobrecoxa congelada (-10,37%). Somente o frango inteiro congelado registra alta e, ainda assim, num percentual pequeno (0,43%).

O frango inteiro congelado está praticamente no mesmo patamar de preços registrado em novembro passado, conforme pode ser observado no gráfico a seguir. Contudo, em relação a março de 2017 a defasagem é de 5,97%.



Não bastassem as dificuldades enfrentadas no mercado interno, as exportações de carne de frango voltaram a apresentar queda. Conforme apontam os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em fevereiro o Brasil exportou 304,38 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), queda de 5,83% em relação ao mês anterior e de 6,43% na comparação com fevereiro de 2017.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne de frango – Brasil – 2017-18

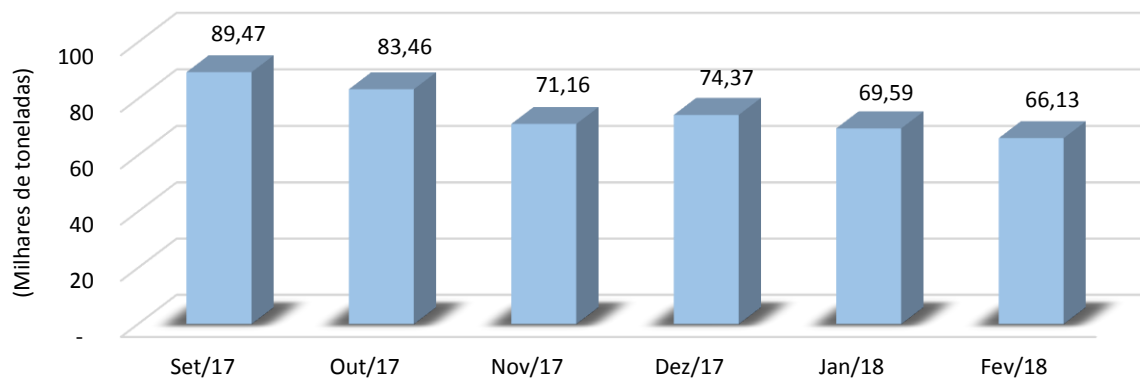
As receitas também apresentaram desempenho negativo: US\$488,69 milhões em fevereiro, queda de 4,67% em relação ao mês anterior e de 12,55% na comparação com fevereiro de 2017.

As receitas acumuladas no primeiro bimestre deste ano atingiram o montante de US\$1,00 bilhão, queda de 12,99% em relação ao mesmo período de 2017. Em termos de quantidade, foram exportadas 627,59 mil toneladas no bimestre, queda de 7,70% em relação ao ano anterior.

Os principais destinos externos da carne de frango brasileira foram Arábia Saudita, China, Japão, Emirados Árabes Unidos e Hong Kong, responsáveis por 56,88% das receitas obtidas com esse produto no mês passado.

Os dados do MDIC referentes às duas primeiras semanas de março (7 dias úteis) apontam queda na média diária de embarques de carne de frango *in natura* em relação a fevereiro: -9,73% em valor e -7,62% em quantidade. Quando se compara os valores de março deste ano com as médias diárias do mesmo mês de 2017, registram-se quedas de 9,40% no valor e 0,45% na quantidade.

Da mesma forma que no cenário nacional, os embarques de carne de frango de Santa Catarina também registraram queda em fevereiro. Foram exportadas 66,13 mil toneladas, 4,97% a menos que no mês anterior e 2,20% abaixo do montante registrado em fevereiro de 2017. Esse é o pior resultado mensal desde setembro de 2013.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne de frango – Santa Catarina – 2017-18

Em termos de receitas os resultados também foram ruins. As exportações catarinenses de frango totalizaram US\$116,37 milhões em fevereiro, queda de 3,00% em relação ao mês anterior e de 6,36% na comparação com fevereiro de 2017.

Os cinco principais destinos da carne catarinense exportada em fevereiro foram Japão, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, China e Países Baixos, responsáveis por 54,64% do valor das exportações do estado.

Principais destinos das exportações de carne de frango – Santa Catarina – Fevereiro/2018

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	24.251.626,00	13.840
Emirados Árabes Unidos	12.195.507,00	6.430
Arábia Saudita	10.756.806,00	6.533
China	8.721.110,00	5.249
Países Baixos (Holanda)	7.662.236,00	2.920
Demais países	52.777.990,00	31.156
Total	116.365.275,00	66.128

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Na comparação com fevereiro de 2017, três dos países listados acima apresentaram queda na quantidade de carne de frango importada de Santa Catarina, contribuindo para o resultado negativo do mês passado: Japão (-0,5%), China (-14,4%) e Países Baixos (-27,2%). Por outro lado, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos apresentaram aumentos de 12,1% e 102,4%, respectivamente.

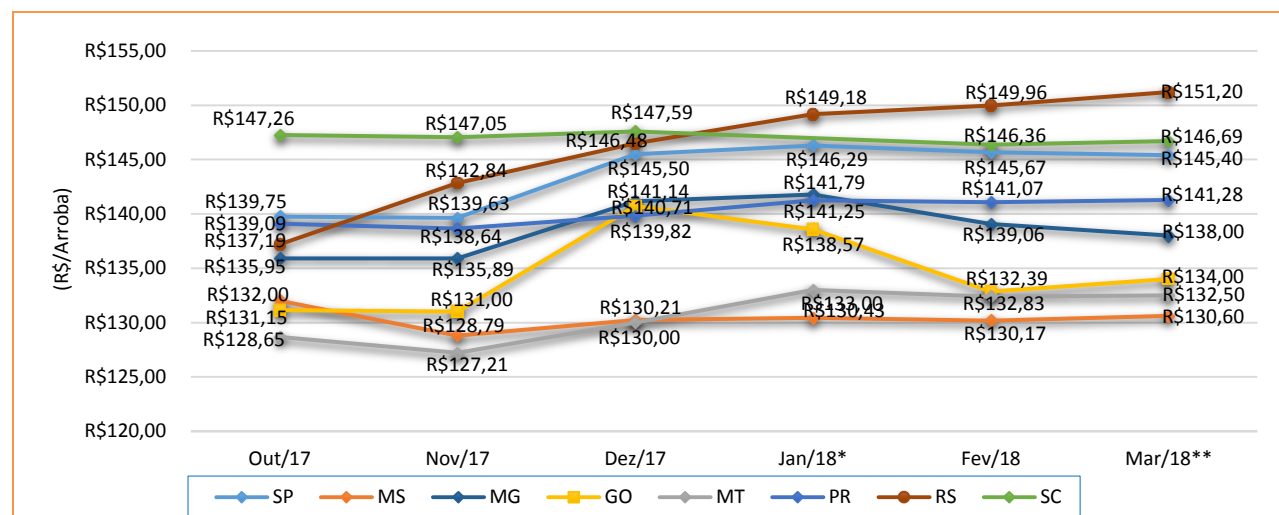
Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Nas últimas semanas o mercado do boi gordo tem apresentado comportamentos distintos nos diversos estados analisados no presente boletim, mas com predominância da tendência de alta. Seis estados registram variação positiva na comparação entre os preços preliminares de março e a média de fevereiro: Goiás (0,88%), Rio Grande do Sul (0,83%), Mato Grosso do Sul (0,33%), Santa Catarina (0,22%), Paraná (0,15%) e Mato Grosso (0,08%). Conforme é possível perceber, embora as variações sejam positivas, os valores são pequenos, indicando uma movimentação bastante restrita. O mesmo ocorre com os dois estados que registram índices negativos até o momento: Minas Gerais (-0,76%) e São Paulo (-0,18%).

O cenário predominantemente positivo no mercado do boi gordo está associado tanto à oferta ainda limitada de animais, quanto ao aumento das exportações de carne bovina, conforme será detalhado adiante, que “enxugam” o mercado interno e favorecem a alta nos preços.

Já na comparação entre os valores atuais e os preços do boi gordo em março de 2017, há também predominância das variações positivas, mas com diferenças mais significativas. Cinco estados registram aumentos no período: Goiás (8,94%), Mato Grosso (7,72%), São Paulo (4,60%), Minas Gerais (3,76%) e Mato Grosso do Sul (2,03%). Variações negativas foram registradas nos três estados da Região Sul: -0,43% no Rio Grande do Sul, -1,54% no Paraná e -7,64% em Santa Catarina. Essas diferenças são relativas aos preços nominais de cada período. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,84%, de acordo com o IPCA/IBGE.



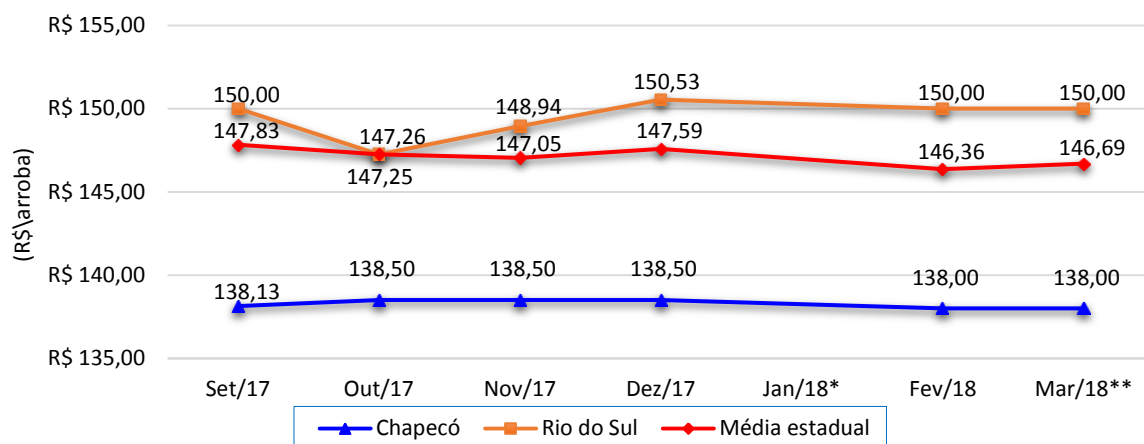
* Não há dados disponíveis para o estado de Santa Catarina em janeiro de 2018.

** Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mar./2018.

Fonte: Epagri/Cepa⁽¹⁾; Cepea⁽²⁾; SEAB⁽³⁾; Nespro⁽⁴⁾.

Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾, MS⁽²⁾, PR⁽³⁾ e RS⁽⁴⁾ – 2017-18

Desde dezembro passado o preço do boi gordo em Santa Catarina encontra-se estável nas duas praças de referência (Chapecó e Rio do Sul), apenas com diminutas oscilações negativas em ambas, conforme fica evidenciado no gráfico apresentado na sequência. Em relação a fevereiro não há variação de preço nas duas praças. Contudo, na comparação com os preços de março de 2017, as diferenças são significativas: -12,66% em Chapecó e -9,09% em Rio do Sul. Já a média estadual (elaborada a partir dos preços de 8 praças distintas) também tem se mostrado relativamente estável nos últimos meses.



(1) Para pagamento em 20 dias.

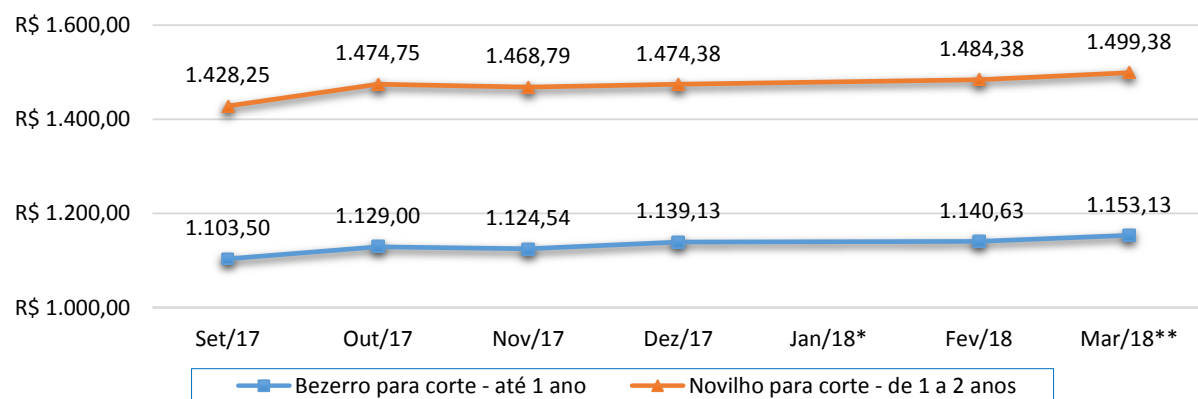
* Não há dados disponíveis para o mês de janeiro de 2018.

** Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mar./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução do preço médio mensal do boi gordo⁽¹⁾ nas praças de Chapecó e Rio do Sul – 2017-18

O mercado dos animais de reposição segue estável, com leve tendência de alta. Os preços preliminares de março apresentaram variação positiva em relação a fevereiro para as duas categorias de animais jovens: 1,10% para os bezerros de até 1 ano e 1,01% para os novilhos de 1 a 2 anos.

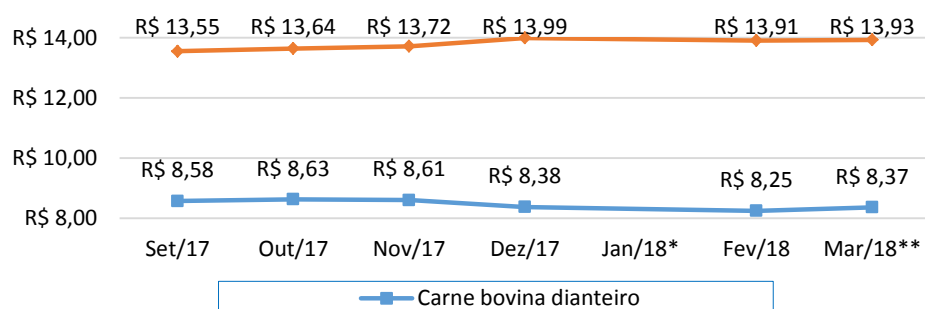


* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mar./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução dos preços de bezerro e novilho para corte em SC – Preço médio estadual – 2017-18

Diferentemente do que havia sido observado no mês anterior, os preços de atacado da carne bovina em Santa Catarina registram variações positivas em março, embora pouco expressivas.



* Não há dados disponíveis para o mês de janeiro de 2018.

** Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mar./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

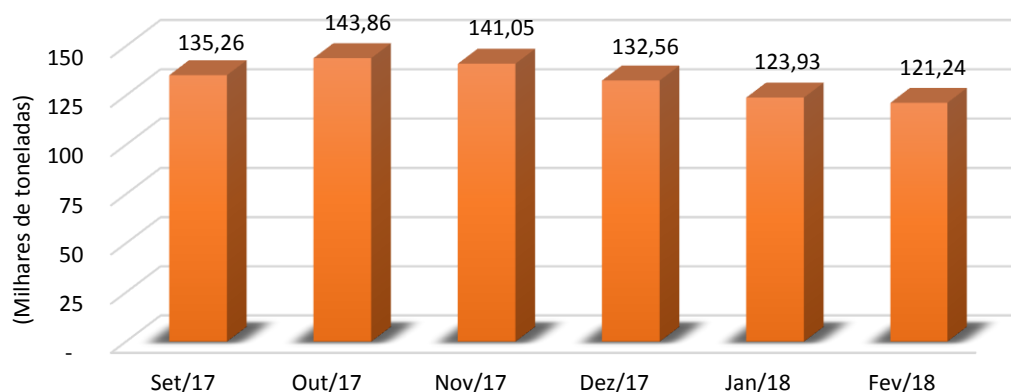
Carne bovina – Atacado – Preço médio mensal estadual de dianteiro e traseiro em Santa Catarina – 2017-18

De acordo com os dados levantados pela Epagri/Cepa, a carne de traseiro aumentou 0,13% (preço médio preliminar de março em relação a fevereiro). O valor atual é praticamente o mesmo de março de 2017 (variação de apenas 0,03%).

A carne de dianteiro, por sua vez, registra aumento um pouco

maior: 1,42% entre fevereiro e março. Já em relação a março de 2017 observa-se defasagem de 4,90%.

Conforme já comentado anteriormente, o que tem contribuído para tornar o mercado da carne bovina mais dinâmico são as exportações, que em 2017 cresceram 9,50% em termos de quantidade. O ano de 2018 também registra alguns resultados positivos nos primeiros meses. Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em fevereiro o Brasil exportou 121,24 mil toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), queda de 2,16% em relação a janeiro. Contudo, quando comparado a fevereiro de 2017, esse montante representa um incremento de 21,97%.



Fonte: MDIC / Aliceweb.

Exportações de carne bovina – Brasil – 2017-18

Em termos de receitas também houve queda na comparação com o mês anterior: US\$ 483,79 milhões (-6,61%). No entanto, em relação a fevereiro de 2017 registra-se crescimento bastante expressivo de 22,68%.

No acumulado do ano já foram exportadas 245,17 mil toneladas, 18,69% mais do que no mesmo período de 2017. Em termos de receitas, o acumulado do primeiro bimestre atingiu US\$1,00 bilhão, aumento de 23,40% em relação ao ano anterior.

Os cinco principais compradores de carne bovina brasileira em fevereiro foram Hong Kong, China, Egito, Chile e Estados Unidos, que responderam por 66,80% das receitas. Hong Kong e China novamente ampliaram significativamente suas aquisições em relação a fevereiro de 2017: incrementos de 83,38% e 47,64% em termos de valor, respectivamente.

Principais destinos das exportações de carne bovina – Brasil – Fevereiro/2018

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Hong Kong	132.826.685,00	35.814
China	92.269.814,00	20.797
Egito	45.979.364,00	15.408
Chile	27.660.130,00	6.711
Estados Unidos	24.427.848,00	2.651
Demais países	160.624.084,00	39.862
Total	483.787.925,00	121.243

Fonte: MDIC/Aliceweb.

As exportações de carne bovina para a Rússia seguem suspensas em decorrência da detecção da substância ractopamina em alguns carregamentos. Em fevereiro de 2017 a Rússia importou 11,87 mil toneladas de carne bovina brasileira, gerando receitas de US\$ 36,76 milhões.

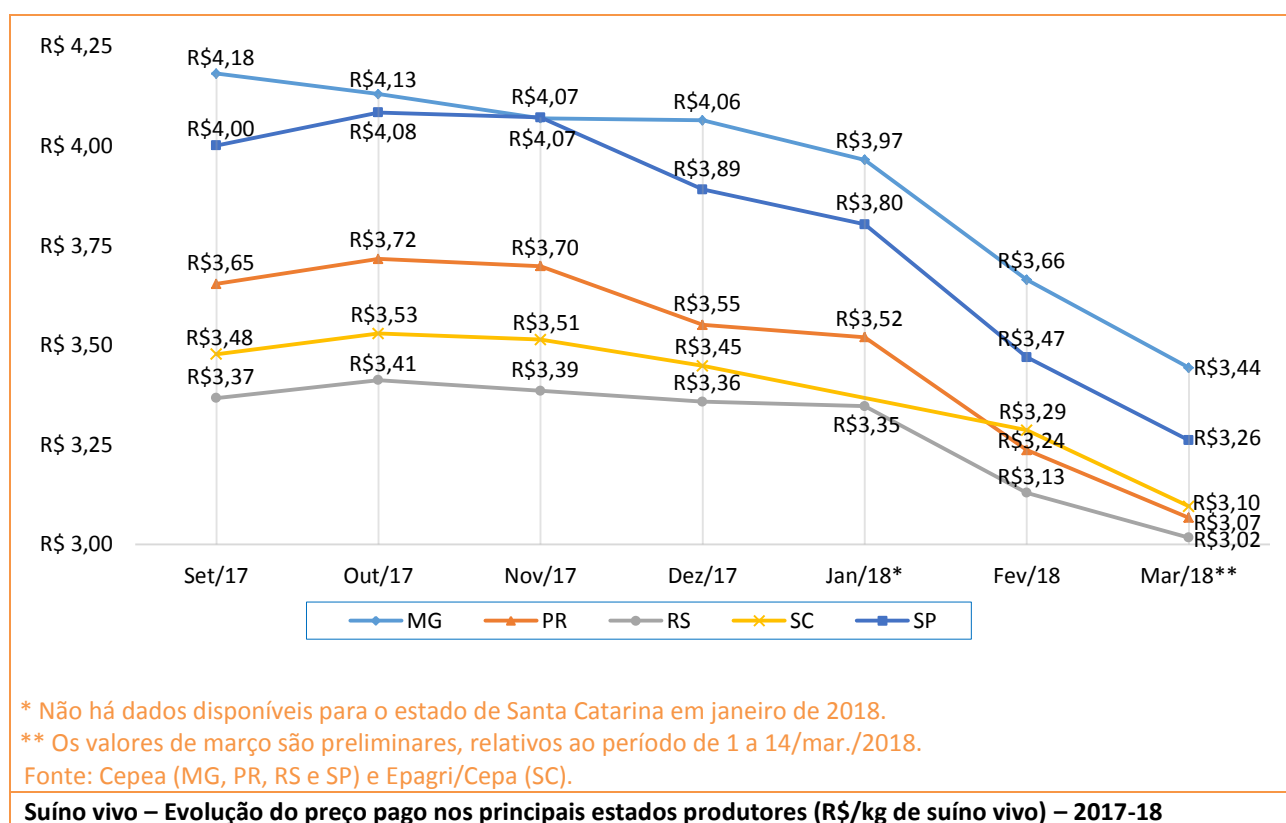
Os dados do MDIC referentes às duas primeiras semanas de março apontam queda na média diária de embarques de carne bovina *in natura* em relação a fevereiro: -4,39% em valor e -4,30% em quantidade. Contudo, quando se compara os valores de março deste ano com as médias diárias do mesmo mês de 2017, verifica-se crescimento bastante expressivo: 19,30% no valor e 22,62% na quantidade.

Recentemente o Rabobank publicou relatório em que estima que a produção brasileira de carne bovina deve crescer 5% em 2018, na comparação com o ano passado, ultrapassando as 9,8 milhões de toneladas. Esse crescimento seria resultado, dentre outras coisas, do aumento no número de vacas abatidas.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro agrônomo – Epagri/Cepa

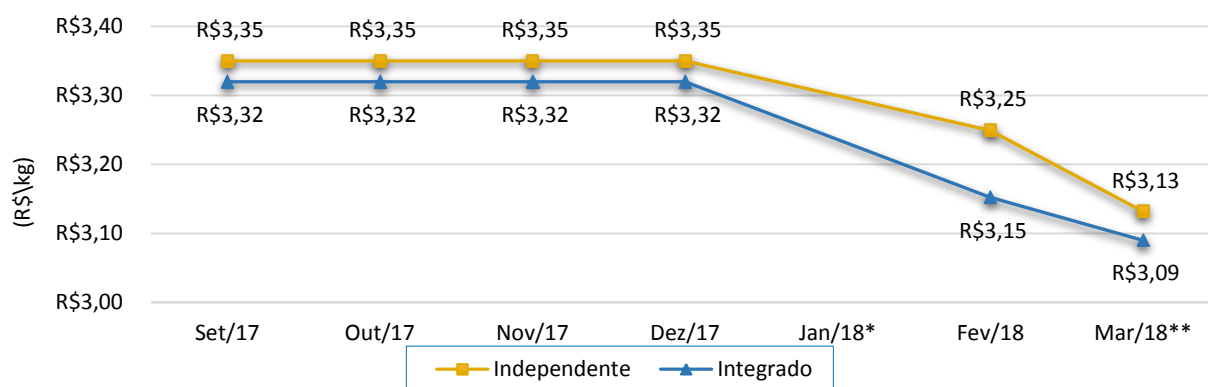
Como vem acontecendo desde o último trimestre de 2017, os preços do suíno vivo seguem caindo, movimento que tem sido acelerado desde janeiro. Conforme apontam os dados preliminares, os preços de março apresentam quedas em relação a fevereiro nos cinco estados analisados: -6,03% em Minas Gerais, -6,02% em São Paulo, -5,85% em Santa Catarina (média estadual, incluindo integrados e independentes), -5,25% no Paraná e -3,60% no Rio Grande do Sul.



Em relação aos preços praticados em março de 2017, a queda é ainda maior: -27,29% no Paraná, -27,10% em São Paulo, -22,55% em Minas Gerais, -21,24% no Rio Grande do Sul e -18,90% em Santa Catarina. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 2,84%, de acordo com o IPCA/IBGE.

Em Chapecó, praça de referência para o suíno vivo em Santa Catarina, pelo segundo mês consecutivo registra-se queda significativa nos preços: -3,61% para os produtores independentes e -1,97% para os integrados. Em relação aos preços de março do ano passado, a diferença é mais significativa: variação de -18,65% para os independentes e de -15,34% para os integrados.

Em outras praças de coleta de preços a variação recente nos preços dos suínos é ainda maior, em especial para os produtores independentes. É o caso de Joaçaba, Rio do Sul e Canoinhas, onde os preços preliminares de março apresentam quedas de 7,85%, 8,78% e 15,43%, respectivamente, em relação ao mês anterior.



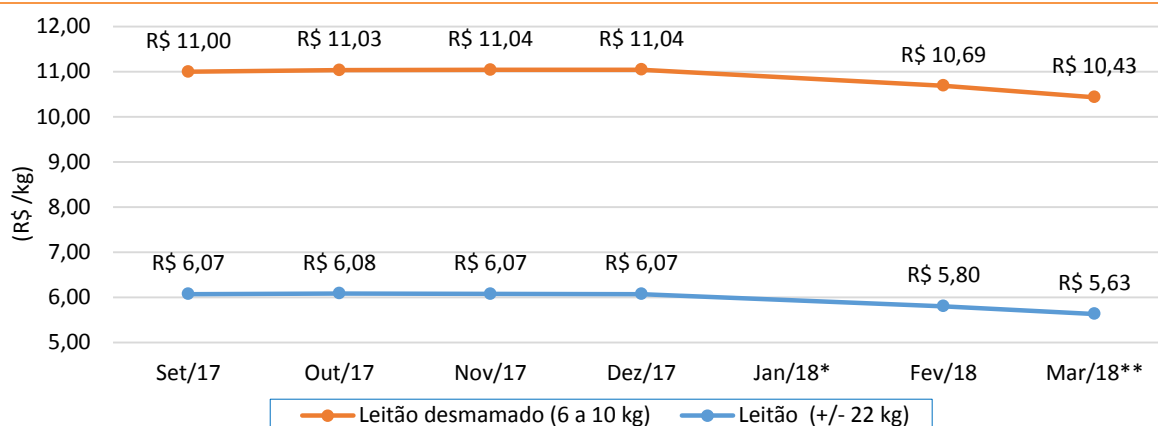
* Não há dados disponíveis para o mês de janeiro de 2018.

** Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mar./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Suíno vivo – Preço médio mensal para produtor independente e integrado na praça de Chapecó, SC – 2017-18

Com as dificuldades enfrentadas pelo mercado do suíno vivo, os preços dos leitões também acabam sendo impactados negativamente. Os dados preliminares de março apontam que as duas categorias de leitões registram quedas na comparação com fevereiro: -2,38% para os leitões de 6 a 10kg e -3,41% para leitões com +/-22kg. Na comparação com março de 2017 a diferença é ainda mais significativa: -13,22% para leitões de 6 a 10kg e -15,63% para leitões de +/-22kg.



* Não há dados disponíveis para o mês de janeiro de 2018.

** Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mar./2018.

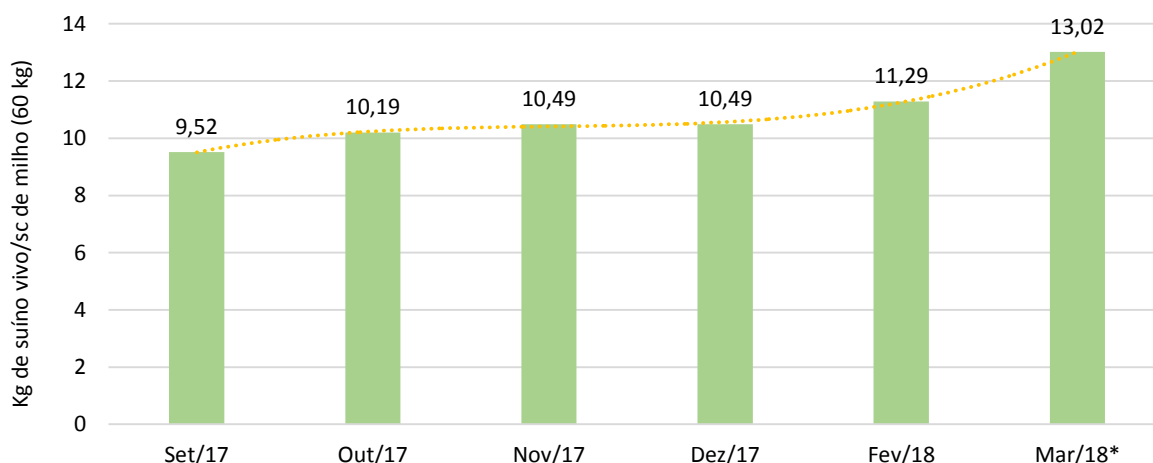
Fonte: Epagri/Cepa.

Leitão – Preço médio mensal do leitão por categoria em Santa Catarina – 2017-18

Em fevereiro o Índice de Custos de Produção do Suíno (ICPSuíno), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, registrou aumento de 3,81% em relação ao mês anterior. O principal fator que contribuiu para esse resultado foi a elevação nos custos com alimentação (3,72%). Nos últimos 12 meses, a variação acumulada do ICPSuíno foi de 3,39%.

Com a queda nos preços do suíno vivo e, em paralelo, o significativo aumento no preço do milho, a relação de equivalência insumo/produto (índice calculado pela Epagri/Cepa a partir dos preços do suíno vivo e do milho no atacado) teve alta expressiva de 15,33% em março, conforme fica evidente no gráfico a seguir.

Em relação a março de 2017, o atual valor apresenta a impressionante variação positiva de 54,20%. Esse resultado é decorrente do movimento inverso dos dois fatores utilizados para o cálculo do índice: queda de 17,04% no preço do suíno vivo na praça de Chapecó e aumento de 27,92% no preço da saca de milho no atacado.



Para o cálculo da relação de equivalência insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

* Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mar./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – Praça de Chapecó, SC – 2017-18

Em março a saca de milho no atacado em Chapecó atingiu o valor de R\$40,50 (média mensal preliminar), 12,10% acima da média do mês anterior. Esse aumento significativo no preço do milho nas últimas semanas está associado à piora na perspectiva da safra nacional, às dificuldades para escoamento da safra da Região Centro Oeste e às incertezas no mercado internacional, em especial quanto à safra argentina.

Conforme divulgado pela Conab (6º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2017/18), há estimativa de redução significativa na produção de milho na atual safra em relação à anterior. A 1ª safra deve ser 17,53% menor (em fevereiro estimava-se queda de 18,77%), enquanto a 2ª safra deve apresentar redução de 7,75% (contra 5,58% na estimativa de fevereiro). Com isso, a safra total deverá ser de 87,28 milhões de toneladas, o que representa uma queda de 10,80% em relação ao ano anterior (esse percentual era de -9,69% no relatório de fevereiro).

Em Santa Catarina também são esperadas reduções significativas. Segundo estimativas da Epagri/Cepa, a 1ª safra deve ser de 2,4 milhões de toneladas, queda de 23,82% em relação ao ano anterior.

Com a demanda interna reduzida e a continuidade do embargo russo, há uma grande oferta de carne suína no mercado nacional, o que tem empurrado para baixo os preços em toda a cadeia. O levantamento semanal realizado pela Epagri/Cepa demonstra que todos os cinco cortes acompanhados registraram quedas nos preços preliminares de março (média estadual) em relação a fevereiro: costela (-3,55%), carré (-1,75%), pernil (-1,40%), carcaça (-1,23%) e lombo (-0,31%).

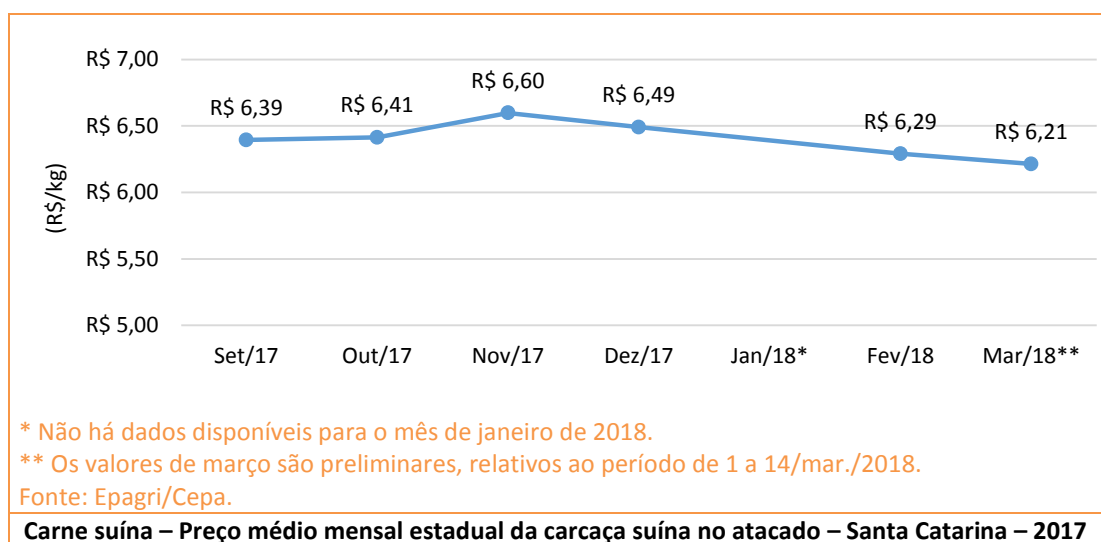
Carne suína – Preço médio estadual no atacado – Santa Catarina – 2017-18

Produto	Dezembro/17	Fevereiro/18	Março/18 ⁽¹⁾
Carré (sem couro)	8,49	8,26	8,12
Costela (sem couro)	12,45	12,57	12,13
Lombo	11,30	11,66	11,62
Carcaça	6,49	6,29	6,21
Pernil (com osso e couro)	7,56	7,55	7,44

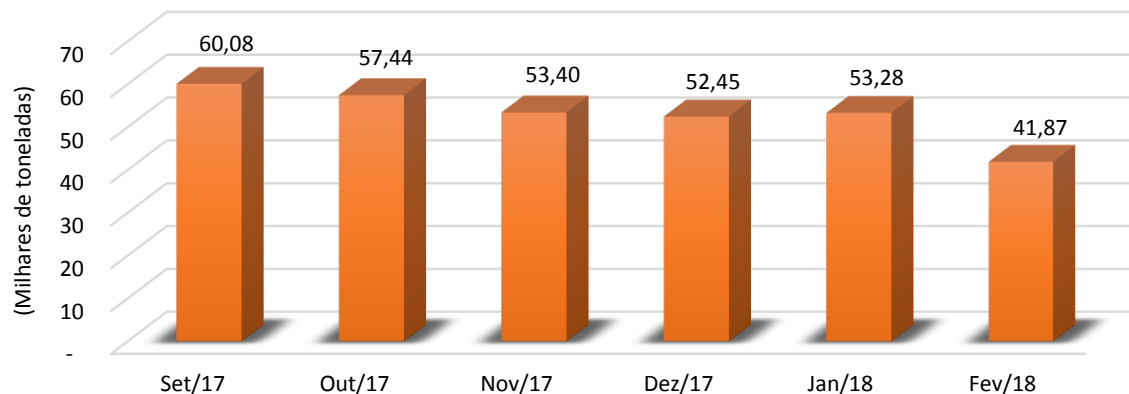
⁽¹⁾ Os valores de março são preliminares, relativos ao período de 1 a 14/mar./2018.

Fonte: Epagri/Cepa.

O gráfico a seguir apresenta a evolução do preço médio estadual de atacado da carcaça suína a partir de setembro de 2017.



As exportações brasileiras de carne suína, que vinham se mantendo estáveis nos três meses anteriores, caíram significativamente em fevereiro, conforme apontam os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Nesse mês foram embarcadas 41,87 mil toneladas de carne (*in natura*, industrializada e miúdos), queda de 21,42% em relação ao mês anterior e de 17,77% na comparação com fevereiro de 2017. Esse é o pior resultado mensal desde abril de 2015.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne suína – Brasil – 2017-18

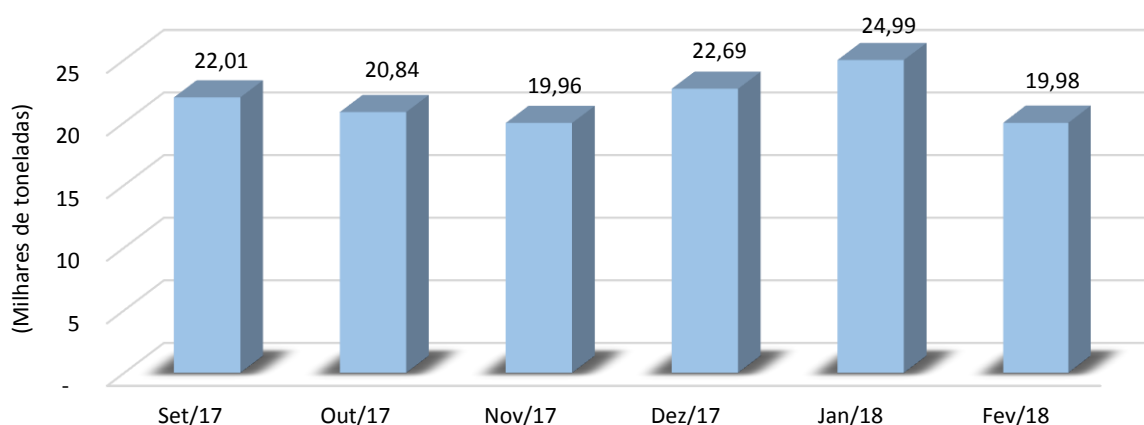
Da mesma forma que a quantidade embarcada, as receitas despencaram em fevereiro: US\$ 87,25 milhões, -20,82% em relação ao mês anterior e -22,52% na comparação com fevereiro de 2017. Esse é o pior resultado desde fevereiro de 2016.

No acumulado do primeiro bimestre as receitas atingiram US\$ 197,44 milhões, queda de 21,19% em relação ao mesmo período de 2017. A quantidade embarcada nos dois primeiros meses deste ano foi de 95,15 mil toneladas, queda de 16,68% em relação ao ano anterior.

Os principais destinos externos da carne suína brasileira em fevereiro foram China, Hong Kong, Argentina, Uruguai e Cingapura, que juntos responderam por 79,86% das receitas com esse produto. A China ampliou consideravelmente suas importações de carne suína do Brasil em relação a fevereiro do ano passado (aumento de 166,37% em valor e 162,84% em quantidade), mas isso não foi suficiente para compensar o montante que deixou de ser embarcado para a Rússia.

Os dados do MDIC referentes às duas primeiras semanas de março (7 dias úteis) apontam alta na média diária de embarques de carne suína *in natura* em relação a fevereiro: 9,51% em valor e 11,42% em quantidade. Contudo, quando se compara os valores de março deste ano com as médias diárias do mesmo mês de 2017, ainda se registram quedas: -22,20% no valor e -7,23% na quantidade.

As exportações catarinenses também apresentaram quedas significativas em fevereiro. Nesse mês foram embarcadas apenas 19,98 mil toneladas, redução de 20,08% em relação ao mês anterior e de 3,50% na comparação com fevereiro de 2017.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Exportações de carne suína – Santa Catarina – 2017-18

Em termos de receitas, o mês de fevereiro também apresentou resultados ruins: foram gerados US\$ 41,74 milhões em divisas, queda de 18,60% em relação ao mês anterior e de 8,63% na comparação com fevereiro de 2017.

Com os números de fevereiro, os resultados do primeiro bimestre também são negativos: as receitas atingiram US\$93,02 milhões (-7,56% em relação ao mesmo período de 2017) e a quantidade embarcada foi de 44,97 mil toneladas (-2,51%).

Os principais destinos das exportações de carne suína catarinense em fevereiro foram China, Hong Kong, Chile, Argentina e Geórgia, que responderam por 81,56% das receitas.

Principais destinos das exportações de carne suína – Santa Catarina – Fevereiro de 2018

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	19.474.896,00	9.221
Hong Kong	4.851.193,00	2.341
Chile	4.467.557,00	2.045
Argentina	3.265.353,00	1.198
Geórgia	1.985.556,00	965
Outros países	7.695.257,00	4.207
Total	41.739.812,00	19.977

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Ao analisar os dados de fevereiro mais detalhadamente, verifica-se que alguns países aumentaram expressivamente o volume de carne suína adquirida de Santa Catarina, em relação ao mesmo mês de 2017. É o caso da China (129,93%), Filipinas (226,92%), África do Sul (733,02%) e Geórgia (4.724,80%). Contudo, esses incrementos não foram suficientes para compensar a ausência da Rússia, que em 2017 foi o destino de mais de 1/3 da carne suína exportada por Santa Catarina (36,96%).

Por fim, há que se ressaltar que embora a Operação Trapaça, deflagrada pela Polícia Federal no início de março, tivesse como alvo unidades de abate de frangos, não é possível descartar eventuais impactos disso na credibilidade de todo o setor de carnes, cuja imagem já vinha abalada desde a Operação Carne Fraca em março de 2017. É necessário acompanhar os desdobramentos e as medidas adotadas tanto pelo poder público quanto pela iniciativa privada.

Pecuária

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Na semana que vem (dia 21/03), o IBGE deve divulgar novos números acerca da quantidade de leite cru adquirida pelas indústrias inspecionadas. Como serão números relativos aos três últimos meses do ano, será possível conhecer as quantidades totais de leite adquiridas em 2017 pelas indústrias de cada estado e do Brasil. Como a Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE é relativa ao destino e não à origem do leite, infelizmente não é possível fazer, a partir dela, análises acerca do comportamento da produção de cada estado. Um exemplo clássico acerca dessa dificuldade é São Paulo, cujas indústrias adquirem muito mais leite do que a produção total do estado.

Pelos levantamentos do Cepea, que formam o Índice de Captação de Leite Cepea Brasil, é possível considerar que em nenhum ano da história houve tanta captação de leite pelas indústrias inspecionadas do País como no ano passado. Comparativamente a 2016, nos sete estados que representam cerca de 85% da produção leiteira nacional, o volume captado aumentou 7,9%.

É improvável que os números a serem divulgados pelo IBGE repitam esse comportamento indicado pelo Cepea. Considerando o que houve até o mês de setembro, o crescimento da quantidade de leite adquirida de 2016 para 2017 será menor que os 7,9% apontados pelo Cepea, e a quantidade total de 2017 ficará em patamar inferior à de 2014; eventualmente inferior também à quantidade de 2015.

Brasil - Leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas - 2014-2016

Mês	Bilhão de litro				Variação 2016-17 %
	2014	2015	2016	2017	
Janeiro	2,229	2,208	2,072	2,099	1,3
Fevereiro	1,922	1,900	1,892	1,830	-3,3
Março	2,038	2,028	1,898	1,925	1,4
Abril	1,911	1,851	1,749	1,809	3,4
Maio	1,948	1,886	1,742	1,904	9,3
Junho	1,939	1,908	1,728	1,934	11,9
Julho	2,018	1,985	1,897	2,022	6,6
Agosto	2,124	2,018	1,989	2,077	4,4
Setembro	2,085	1,988	1,963	2,064	5,1
Total jan/set.	18,214	17,772	16,930	17,664	4,3
Outubro	2,119	2,074	2,048		
Novembro	2,152	2,066	2,052		
Dezembro	2,262	2,151	2,140		
Total anual	24,747	24,062	23,170		

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Ainda sobre a quantidade de leite recebida pelas indústrias, recentemente o Cepea divulgou o índice de captação de leite relativo ao mês de janeiro de 2018. Em outras condições de mercado poderia se considerar um índice normal, mas dada a expressiva queda nos preços aos produtores ao longo do segundo semestre de 2017 e sua manutenção em patamares relativamente baixos no início de 2018, é surpreendente. Afinal de contas, representa que a captação de leite pelas indústrias pesquisadas foi apenas

2,4% inferior ao pico de 2017 (e históricos, pelos números do Cepea). Ou seja, mesmo com toda a redução de margens de rentabilidade, e até prejuízo para muitos produtores, a captação de leite teria mantido comportamento praticamente normal nos meses recentes, inclusive no início de 2018.

Índice de Captação de Leite Cepea (ICAP-L/Cepea) - Brasil - 2016-18			
Mês	Índice		
	2016	2017	2018
Janeiro	185,67	181,58	202,22
Fevereiro	177,17	176,00	
Março	164,15	170,66	
Abril	158,59	168,79	
Maio	156,01	170,07	
Junho	158,23	181,65	
Julho	166,19	189,67	
Agosto	176,49	199,01	
Setembro	187,50	207,18	
Outubro	187,65	203,53	
Novembro	188,73	206,23	
Dezembro	188,54	206,71	
Total	2.094,92	2.261,08	

Fonte: Cepea (Base 100 = junho/2004).

Em Santa Catarina, se observa comportamento diferente do indicado pelos dados do Cepea. As informações, de parte importante das indústrias da Região Oeste, mostram que o pico de recebimento de leite também se deu em setembro de 2017, mas que, até janeiro/2018, houve decréscimo superior a 12% na quantidade de leite recebida por essas indústrias. Houve nova queda de janeiro para fevereiro, de 13,5%.

Considerando a permanência de uma situação econômica nacional, que não permite otimismo em relação a melhorias sensíveis nos níveis de demanda, é razoável considerar que é apenas através de reduções mais expressivas da oferta que os preços dos lácteos e aos produtores voltarão para patamares que permitam uma rentabilidade minimamente razoável, o que não vem ocorrendo para muitas indústrias e, particularmente, para os produtores, que, em geral, ficam com as piores adversidades sofridas pela cadeia produtiva.

Ainda que de não de maneira generalizada, é isso que se tem observado mais recentemente. Na última reunião do Conleite/SC, embora o preço de referência projetado para fevereiro tenha aumentado R\$ 0,03 em relação ao preço de janeiro, ainda havia dúvidas sobre a sustentabilidade do aumento. Mas agora em março está mais claro que existe sustentabilidade para novos preços no atacado, com as indústrias pagando valores levemente maiores aos produtores.

Como a tendência é de se acentuar o decréscimo da oferta de leite (historicamente os menores patamares da produção brasileira ocorrem em abril/maio), a expectativa é que os preços sigam aumentando. A próxima reunião do Conleite/SC, a ser realizada na semana que vem (dia 22/03), deve dar bons parâmetros dos preços a serem pagos aos produtores de Santa Catarina no mês de abril.

Leite padrão - Preços de referência do Conseleite de Santa Catarina - 2015-18

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso			
	2015	2016	2017	2018
Janeiro	0,7744	0,9546	1,0783	0,9695
Fevereiro	0,7866	1,0154	1,1096	1,0014
Março	0,8614	1,0652	1,1412	
Abril	0,8843	1,1166	1,1693	
Maio	0,8875	1,1430	1,1733	
Junho	0,9347	1,3363	1,1394	
Julho	0,9278	1,5500	1,0617	
Agosto	0,9131	1,3248	1,0189	
Setembro	0,8978	1,1051	0,9374	
Outubro	0,9024	1,0461	0,9550	
Novembro	0,9308	0,9993	0,9977	
Dezembro	0,9387	1,0333	0,9788	
Média	0,8866	1,1408	1,0634	

Fevereiro/2018: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

Leite - Preço médio⁽¹⁾ aos produtores catarinenses - 2015-18

Mês	R\$/l posto na propriedade			
	2015	2016	2017	2018
Janeiro	0,75	0,91	1,10	0,94
Fevereiro	0,73	0,95	1,20	0,94
Março	0,76	1,02	1,25	
Abril	0,80	1,07	1,28	
Maio	0,87	1,11	1,29	
Junho	0,89	1,19	1,29	
Julho	0,91	1,29	1,25	
Agosto	0,93	1,52	1,13	
Setembro	0,92	1,41	0,99	
Outubro	0,90	1,24	0,91	
Novembro	0,87	1,10	0,92	
Dezembro	0,89	1,08	0,95	
Média anual	0,85	1,16	1,13	

⁽¹⁾ Preço médio mais comum no período de pagamento.

Fonte: Epaagri/Cepa.